

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

O CANGAÇO:

OS TRÊS CANGACEIROS NO RIO GRANDE DO NORTE

DÉLIO DE OLIVEIRA RAMALHO

NATAL - RN

1996

DÉLIO DE OLIVEIRA RAMALHO

O CANGAÇO

OS TRÊS CANGACEIROS NO RIO GRANDE DO NORTE

**Monografia apresentada na
disciplina Pesquisa
Histórica II, sob orientação
do Professor wíeliffe de An-
drade Costa.**

NATAL - RN

1996

AGRADECIMENTOS

Ao Orientador e Professor Wicliffe de Andrade Costa, meus agradecimentos por ter aprovado essa disciplina (Pesquisa Histórica II) como Estudo Individualizado, possibilitando a conclusão dessa pesquisa e também pela orientação recebida.

A professora e Coordenadora do Curso de História, Francisca Aurinete G. Barreto da Silva, meus sinceros agradecimentos, por ter me orientado nas matrículas das disciplinas necessárias para a conclusão do curso, possibilitando concluir essa pesquisa.

Ao professor Luis Educarado Brandão Suassuna, meus profundos agradecimentos, por ter me emprestado livros para esse estudo e essa pesquisa e ter me ajudado em outras disciplinas, contribuindo muito na minha conclusão do curso.

Aos demais COLEGAS que demonstraram o desejo honesto e profundo de ajudarem na pesquisa de conhecimento bibliográficos, principalmente ao meu colega de sala de aula Sérgio, e as outras pessoas que de alguma forma cooperaram para que este trabalho fosse realizado, a minha mais profunda gratidão.

Ofereço e dedico este trabalho a minha mãe, Dona Rosa e os meus três filhos: Yane, Danielle e Daniel Bruno, que me deram a energia necessária para conseguir concluir e obter o grau de Bacharelado e Licenciatura em História com essa monografia.

SUMÁRIO

Introdução.....	06
I-CAPÍTULO.....	08
1- As Origens do Cangaço.....	08
1.1 - Os primeiros grupos de cangaceiros.....	08
1.2 - Significado da palavra cangaço.....	08
1.3 - As causas de ingresso no cangaço.....	09
1.4 - Origens sociais dos cangaceiros.....	11
1.5 - Áreas de ações.....	11
1.6 - Modo de viver.....	12
1.7 - Modo de vestir.....	13
1.8 - Critérios para ser um cangaceiro.....	14
II - CAPÍTULO.....	15
2 - Jesuíno Brilhante - o primeiro cangaceiro no RN.....	15
III - CAPÍTULO.....	16
3 - Antônio Silvino - o segundo cangaceiro no RN.....	16
3.1 - Motivos de ingresso no cangaço - 1897.....	16
3.2 - As investidas de Antônio Silvino no RN.....	17
3.3 - Prisão e detenção do capitão Antônio Silvino - 1914.....	29
3.4 - Liberdade e morte de Antônio Silvino - 1944.....	31
IV - CAPÍTULO.....	32
4 - Lampião - o terceiro cangaceiro no RN.....	32
4.1 - Motivos que levaram Lampião ao cangaço.....	32
4.2 - Origem do apelido de Lampião.....	34
4.3 - Lampião e sua família.....	34

4.4 - Formações dos primeiros bandos de cangaceiros.....	36
4.5 - Participação de Sebastião Pereira no cangaço.....	37
4.6 - Atuações dos Governadores, Chefes Políticos e fazendeiros ricos..	38
4.7 - Os Coiteiros.....	39
4.8 - A Coluna Prestes e Lampião na cidade de Juazeiro.....	39
4.9 - As táticas de Guerrilhas.....	41
4.10 - Investidas no RN na época de Lampião - 1927.....	42
4.11 - A fuga de Lampião de Mossoró.....	60
4.12 - Lampião na Bahia.....	62
4.13 - Participação de Corisco - o "Diabo Loiro".....	62
4.14 - Primeiro contato com Maria Bonita.....	63
4.15 - Morte de Lampião.....	64
4.16 - Entrevista de Antônio Silvino-depois da morte de Lampião.....	66
4.17 - O fim do Cangaço.....	66
V - CAPÍTULO.....	68
CONCLUSÕES.....	68
VI - BIBLIOGRAFIA.....	71

INTRODUÇÃO

Os problemas sociais, políticos e econômicos causaram a manifestação do cangaço, no Nordeste brasileiro, entre fins do século XIX e começo do século XX, como simples resposta à miséria.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de estudos dessa natureza, tendo em vista a lacuna existente na historiografia regional brasileira.

O cangaço foi um movimento gerado por fatores sócio-econômicos e políticos, tendo sido praticamente uma luta pela sobrevivência.

A estrutura agrária do Nordeste não permitia ao homem do campo outras formas de sobrevivência, então a única alternativa era formar grupos de saltadores e assassinos, que antes trabalhavam para os coroneis e depois por conta própria, originando os cangaceiros.

Este movimento começa exatamente com a presença de secas contínuas, afetando a economia. Além disso, havia a distribuição injusta das produções de terra. A maioria das terras, estavam concentradas nas mãos de uma minoria de senhores. O trabalhador rural era marginalizado, não existia trabalho e para quem trabalhava recebiam baixos salários.

Com esta situação dos trabalhadores do campo, era mais do que natural que buscassem uma saída nos grupos de cangaceiros, já que não havia justiça de nenhuma forma.

Portanto, a perspectiva aceita pela historiografia é que o cangaço é de significativa importância por representar um fenômeno de grande repercussão histórica, num determinado momento, causado por um encandiamiento de causas econômicas, sociais e políticas, justificando assim, um estudo para melhor compreensão.

O presente trabalho contitue-se em um estudo retrospectivo, analítico e de significativa importância para a historiografia regional brasileira e, de uma certa forma, para a conjuntura do nosso Estado, o Rio Grande do Norte.

A delimitação desta monografia inicia-se com o primeiro cangaceiro de importância em 1976, com Jesuíno Brilhante, filho da cidade de Patu/RN, até a morte do último cangaceiro do bando de Lampião, o Corisco, mais conhecido como o "Diabo Loiro", em 1940, desaparecendo por completo com esta morte o cangaço no Nordeste do Brasil.

No primeiro capítulo mostramos todo o processo do cangaço no Nordeste brasileiro e as suas consequências, colocando-se vários tipos de explicações para o surgimento desse movimento.

No próximo capítulo, colocamos de forma resumida a participação do primeiro cangaceiro no Rio Grande do Norte, filho do nosso Estado.

No capítulo seguinte, é descrita a obra do segundo cangaceiro no Rio Grande do Norte. Filho do Estado de Pernambuco, nós analisamos as suas investidas em nosso Estado, como iniciou no cangaço até sua morte e por ter sido ele o maior exemplo de Lampião.

Em seguida, analisamos toda a vida de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo "Lampião", o terceiro cangaceiro no Rio Grande do Norte, desde que nasceu, quais os motivos e como entrou no cangaço, sua família, suas maiores façanhas, participações dos seus maiores cabras do bando, sua morte de 1938 e o fim do cangaço com a morte de Corisco, um dos maiores cangaceiros do seu bando em 1940, pondo assim, o fim por completo deste movimento no Nordeste do Brasil.

Neste capítulo, também, daremos um enfoque na década de 20, mais precisamente em 1927, quando Lampião e seu bando atacou a cidade de Mossoró. Mostramos o porquê e todo o processo do ataque à Cidade mais rica do interior do Rio Grande do Norte e uma das primeiras Cidades do interior do Nordeste, para uma melhor compreensão do nosso tema, e estudo.

E, por fim, faremos uma conclusão dessas três participações em épocas diferentes de cangaceiros em nosso Estado. Procuramos analisar e entender todo esse processo que tanto trouxe medo, angústia e muitas vezes proteção ao homem do campo do nosso Estado, e do Nordeste.

I - CAPÍTULO

I - AS ORIGENS DO CANGAÇO

1.1 - Os Primeiros Grupos de Criminosos

Nos primórdios do Brasil, grupos de criminosos deslocavam-se de um lugar para outro, no Nordeste do Brasil. A lei não alcançava o sertão. O abandono das populações interioranas era absoluto. Grandes proprietários de terras mantinham homens em armas, para defendê-los, chamados cabras do corone fulano de tal - cabras de confiança, valentões, desordeiros e que andavam armados.

Iniciou-se entre camponeses, que diante da perspectiva de fome, abandonavam suas terras à procura de melhores perspectiva ou ficar, tomar das armas e lutar, à margem da lei, por sua sobrevivência.

O Banditismo rural, por sua intensidade neste período, preocuparia constantemente as autoridades. Com o passar dos anos, começaram a formar as quadrilhas que chegavam a reunir 150 homens armados.

1.2 - Significado da Palavra Cangaço

As palavras "Cangaceiro" e "Cangaço", aparentemente começaram a ser usados na década de 1830 e se relacionavam à "Canga" ou "Cangalho", isto é, o jugo dos bois. Talvez o cangaceiro fosse assim chamado por que carregava seu rifle nas costas, como boi carrega a sua canga.

Andavam pelo interior com pequena bagagem e roupas, lençoes, talheres, pratos, copos de flandres, mesinhas e alguns alimentos. Arrumavam esses teréns em trouxas, sacolas de pano e de couro. era o "Cangaço" que carregavam às costas.

Conduziam armas de fogo e cartucheiras à cintura. Cabaças d'água, cantis e bisacos a tiracolo. Chamados de "Cangaceiros", andavam pelo interior do Nordeste a pedir

comidas nas casa. Com o tempo, passaram a assaltar tornando-se bandidos, a serviço de um fazendeiro. Mas a partir de 1900, os cangaçeiros começaram a operar independentemente. Só daí em diante é que a palavra "Cangaçeiro" começou a ser usada.

1.3 - As Causas de Ingresso no Cangaço

O Cangaço foi um movimento independente no qual os sertanejos ingressavam por estarem desempregados ou mesmo passando fome, fazendo dele um meio de vida. Outros, por não se submeterem aos trabalhos penosos das fazendas, passavam a viver de assaltos aos senhores de terras (latifundiários), pilhagens de armazéns, sequestros de pessoas ricas, buscando a justiça pelas próprias mãos.

As tentativas de explicação dos fatores do Cangaço datam, talvez, do início mesmo do fenômeno. Euclides da Cunha atribuiu-o ao fator racial, atavismos étnicos, "*o meio físico dos sertões em todo o vasto território que se alonga do Vosa-Barris ao Parnaíba*", e ao que chama de "*estigmas degenerativos de três raças*".

Vários autores nordestinos, sem dar atenção às causas econômicas e sociais, recorrem a esta explicação, sendo para eles a mais fácil, que é a mestiçagem.

Como a mestiçagem constituía um fato irremovível, seus resultados no Nordeste (o Cangaço e fenômenos correlatos), jamais teriam soluções.¹

Para Rui Facó, o cangaçeiro era o pobre do campo que saía de uma apatia generalizada para as lutas que começavam a adquirir caráter social, lutas, portanto, que deveriam decidir, mais cedo ou mais tarde seu próprio destino. Não era ainda uma luta diretamente pela terra, mas era uma luta contra o domínio do latifúndio semi-feudal.²

Com o passar do tempo, muitos estudiosos apresentaram várias razões para o aparecimento do movimento do Cangaço: inexistência de estrada e meios rápidos de transportes; carências de alimentos e fome; secas periódicas; influências remotas do processo bárbaro de colonização e conquista da terra, das revoluções populares e da escravidão; inimizades e choque de lideranças entre famílias e a vingança privada; falta de instrução e educação; proteção dispensada aos delinquentes pelos proprietários poderosos, que garantiam a impunidade dos delitos; perseguições políticas; pobreza e exiguidade de salários; desorganização e escassez de trabalho; má distribuição da justiça; imperfeita organização dos meios preventivos da segurança pública; fracasso dos métodos repressivos; incerteza na divisão

da propriedade; costumes bárbaros, trazidos por imigrantes cearenses que retornaram da Amazônia; banditismo político e o Coronelismo.³

No entanto, o Cangaço, que era fruto de prolongada crise no sertão, onde se localizava, deixou de ser realidade e não teve mais condições de existir, quando novas possibilidades de emprego, de melhoria de vida e de enriquecimento foram surgindo em outras regiões do país, e atraindo os mais ambiciosos, os mais inquietos e os mais carentes nordestinos. Embora permanecessem como constantes no Nordeste sêco a estrutura sócio-política coronelista; as rivalidades e lutas entre parentelas, a seca, a falta de instrução, o messianismo e o fanatismo religioso, o fenômeno constituído por bandos aventureiros, como os de Antônio Silvino, Lampião, Corisco e outros, não encontraram mais condições econômicas e sociais para se desenvolverem, nem sob a forma de tentativa.

Na literatura de Cordel, o povo cantava as histórias do Cangaço, depositando nele suas esperanças de um mundo melhor.

"Pra havê paz no sertão
E a gente pudê drumi,
Cumê, bebê e vesti,
Pelas festa, vadiá,
Sem nunca se atrapaiá,
É preciso Lampião
Fazê de seu bataião
a Polícia Militá".⁴

¹ Raul Fernandes, Antônio Silvino no Rio Grande do Norte, Recife, [s.n.], 1987. (rev. letras e artes, nº 8). p.34.

² Rui Facó, Cangaceiros e fanáticos, 7.ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 1983. v.15. p.29-37.

³ Hamilton de Matos Monteiro, Agrária e luta de classes: O Nordeste brasileiro entre 1850 e 1889, Brasília, horizonte, 1980. 9.70-72.

⁴ M.I.P. de Queiroz. História do cangaço global. 2 ed. história popular, São Paulo, 1986, p. 11.

1.4 - Origens Sociais dos Cangaceiros

Com a exceção dos fazendeiros, a maioria preponderante do povo vivia numa penúria no sertão nordestino, e foi desta classe que saíram muitos dos sequazes de Lampião. Inicialmente, a classe pobre compreendia a mão-de-obra trazida pelos patentados para o desbravamento da região, principalmente como vaqueiro, ferreiro e gente para formar tropas para o combate aos índios. Pode parecer estranho que entre estas pessoas que vinham para combater os índios se encontrassem escravos negros e mulatos e com o passar dos tempos essa mão-de-obra tão cara deixava de ser aproveitada nas grandes propriedades, tanto no combate aos índios como também como vaqueiros e na agricultura, com exceção de muito poucos.

Com o passar dos anos, a categoria de escravos foi gradualmente se extinguindo, em parte devido à alforria voluntária, e em parte devido aos esforços dos abolicionistas, que lhe deram o golpe de misericórdia em 1888.

Devido à miscigenação, tanto com os brancos, os índios, os negros e mulatos, desde sua chegada à região, se tornaram parte integral da camada pobre submissa.

Portanto, as camadas pobre da sociedade dos sertões, eram chamados de "camponeses" e eram compostos de uma mistura de índios, negros e mulatos e seus descendentes, e também de pessoas livres, geralmente também de descendência mista, que formaram o séquito dos senhores que vinham da casta.

1.5 - Áreas de Ações

O Cangaço era um fenômeno exclusivamente do sertão, limitavam-se aos Estados de Pernambuco, Alagoas, Ceará, Paraíba, norte da Bahia, Sergipe e Rio Grande do Norte.

Limitavam suas operações somente ao interior, nunca pisaram os cangaceiros nas capitais dos Estados, todas situadas ao longo da costa.

As ribeiras do Moxotó, do navio e do Pajeú das Flores, afluentes do Rio São Francisco, situado no interior pernambucano, mais especificamente, nas cidades de Afogados da Ingozeira e Vila Bela (atual Serra Talhada), às margens do Rio Pajeú, foram os dois expoentes do ciclo do cangaço: Antônio Silvino e Lampião.

Seus habitantes costumavam carregar longo punhal à cintura, o famoso "Pajeú". Nessa faixa interiorana, o ambiente propiciava a formação de criminosos. "Quase todos eram cangaceiros, de Pajeú das Flores". Recanto de baixo índice demográfico, atrasado, esquecido, isolado, vivia-se à margem da lei e da justiça. Agrupamentos populacionais e lugarejos perdidos, ligados por caminho de mula até 1930, tornavam-se oásis de criminosos.

Geograficamente, a área não é muito propícia à habitação humana, embora alguns nativos, e às vezes até mesmo alguns forasteiros, fossem atraídos pelo seu fascínio terrível. Considerada erroneamente como sendo uma planície monótona e árida, possui na verdade, características físicas e aparência surpreendentemente variadas. Embora algumas zonas sejam relativamente planas, dando uma impressão de monotonia, é, na verdade, muito acidentada, apresentando colinas, planaltos e serras que atingem às vezes 950 metros.

Os rios são geralmente rasos e, muitas vezes, secam. A única exceção é o Rio São Francisco, chamado "A Estrada do Sertão", que desmembra no Atlântico, entre Estados de Alagoas e Sergipe. Nesta região o clima é tropical e semi-árido, com suas florestas e áreas desérticas de plantas rasteiras.

1.6 - Modo de Viver

Os cangaceiros contentavam-se desde a infância com muito pouco. Assim, mesmo conduzindo quantias avultadas, não pensavam em confortos.

Sustentavam uma fé muito forte em Deus, nos Santos e no Padre Cícero. Todos traziam, habitualmente, ao pescoso um grosso rosário rezando à noite e ao amanhecer, ainda sentado no dorso coberto.

Conduziam sempre duas cobertas, que lhes serviam de fôrro e de agasalho ao deitarem-se. Ao acordar, auxiliavam-se uns aos outros no arranjo destas cobertas traçadas e tiracolo e dispostos com tal arte que não se despregam do corpo, quando procuravam se livrarem dos projétis em lutas com a polícia.

Dormiam aliviados em grupos de dois e três a distância, por precaução de um possível ataque dos valentes policiais que os perseguiram. A comida era simples, e fácil de preparar, consistindo geralmente de carne-~~assada~~ assada, rapadura e farinha. Os banhos eram escassos, principalmente durante as secas, quando as lagoas, os riachos e os rios secavam.

Não é de admirar, portanto, que os perfumes fossem um luxo que os cangaceiros se permitiam. O uso profuso de perfumes - juntamente com a falta de banhos e a grande quantidade de brilhantina que punham nos cabelos - davam aos cangaceiros o cheiro característico que se tornou sua marca registrada.

Poe ocasião dos saques, pertenciam a cada um o dinheiro e as jóias de que, pessoalmente, se apossavam, mas as grandes quantias provenientes dos reféns eram repartidos com o Chefe, cabendo a este superior do bando o quinhão maior.

Nas ocasiões de combate eles eram muitos unidos e obedeciam cagamente, a voz do seu comandante. Quando alguém se alistava no grupo e não trazia armas, os bandidos forneciam, mediante pagamento imediato ou pagamentos a prazo quando esta alguém não traziam dinheiro.

Na paz, haviam entre eles disputas violentas, trocavam palavras de grande aspereza, mas nunca chegavam a luta corporal.

Para os cangaceiros, na época de seca, dividiam seu tempo entre trabalho e diversão. Eles passavam a maior parte do tempo em paz, na fazenda de algum coiteiro de confiança, ou em algum esconderijo remoto. Descansavam, caçavam, jogavam cartas, e, muitas vezes, de noite, tocavam músicas e dançavam. Embora preferissem dançar com mulheres, dançavam uns com os outros, quando não haviam nenhuma.

As bebidas alcoólicas eram consumidas em grandes quantidades, sendo a cachaça a mais comum. Muitos deles, bebiam muito, chegando às vezes, a perder os sentidos.

Muitos deles, passavam também muito tempo lendo ou ouvindo alguém ler alto para eles - principalmente das notícias que contavam as suas façanhas.

Mesmo quando estavam sendo perseguidos pela polícia, não se afastavam muito da rotina usual. Continuavam calmos e despreocupados, e até nestas circunstâncias difíceis, jogavam baralho até tarde da noite.

1.7 - Modo de Vestir

Os cangaceiros dos diversos bandos, tacitamente se identificavam como um grupo, ou subcultura, adotando um modo de vestir todo especial. A maioria podia ser conhecido por um lenço colorido ao redor do pescoço e um chapéu de couro (o chapéu do cowboy do sertão), cuja aba, virada para cima na frente, era geralmente cheia de enfeites. Carregavam nos

ombros muitos cintos com catuqueiras, cheia de balas, que curzavam no peito, e também ao redor da cintura, o que lhes davam uma aparência notável.

Os cangaceiros também faziam ressaltar sua individualidade quando confessavam as razões pelos quais se tinham tornados bandidos. Muitos diziam que somente tinham saído fora da lai devido à necessidade de vingar afrontas feitas a eles ou a suas famílias.

1.8 - Critérios Para Ser um Cangaceiro

- Gostar do Cangaço;
- Ter um motivo de injustiça sofrida;
- Nunca ter sido preso em xadrez;
- Não ser ladrão;
- Não ser muito falador;
- Ser valente;
- Ter excelente pontaria;
- Obedecer pronta e inteiramente ao chefe do grupo;
- Considerar-se irmãos dos outros cangaceiros, etc.

II - CAPÍTULO

2 - JESUÍNO BRILHANTE - O PRIMEIRO CANGACEIRO NO RIO GRANDE DO NORTE

Jesuino Brilhante, cangaceiro potiguar, nasceu em Patu-RN. No entanto, não foi um bandido, na expressão certa do termo: foi um homem do cangaço, rebelde contra os seus inimigos protegidos pelos graúdos da época. Isso deu-se no Império do Brasil e albores da República, tendo como cenário municípios do interior do Rio Grande do Norte e da Paraíba.

Em 1876, Jesuíno matou um membro da numerosa família Limão - Arruaceiros, protegidos dos vizinhos, na Paraíba. O pai e o irmão de Jesuíno foram detidos, na cadeia de Vila de Pombal-PB. Jesuíno, procurando por justiça, armou parentes e amigos. Tomou a vila de Pombal e libertou os presos, principalmente o seu pai e o seu irmão, ganhando a seguir o mundo de bacamarte em punho.

Durante a seca de 1877, assaltava comboios de mantimentos do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, tornando-se um cangaceiro cavalheiro, distribuindo-os os produtos do assalto com os flagelados e todas as vítimas das misérias daquele tempo.

Crescia em popularidade. Nas suas andanças fazia justiça. Protegiam os fracos, as mulheres, casou moças ultrajadas e não roubava.

Visitou em paz, Mossoró, Martins e fazendas. Tornou-se admirado no Oeste do Rio Grande do Norte.

III - CAPÍTULO

3 - ANTÔNIO SILVINO - O SEGUNDO CANGACEIRO NO RIO GRANDE DO NORTE

3.1 - Motivos de Ingresso no Cangaço - 1879

Manoel Batista de Moraes (nome verdadeiro de Antônio Silvino), nasceu a 2 de novembro de 1875, em Alagados da Ingazeira. Cidade à margem do Rio Pajeú das Flores, no Estado de Pernambuco.

Seu pai chamava-se Pedro Batista de Almeida, o Batistão, casado com Dona Balbina de Moraes e teve mais três filhos, Higino, Zeferino e Francisco.

Sr. Pedro Batista era homem de certas letras, delegado que fez inimigos, criou fama de valentão, quando fuzilou um pistoleiro que vinha matá-lo, em Piancó na Paraíba.

Com o passar do tempo, muda a política e o Coronel Luís Antônio (inimigo pessoal de Pedro Batista) mandou seu irmão, o novo delegado de Alagados da Ingazeira a prender o Sr. Pedro Batista. O novo delegado reuniu soldadeos, capangas e o Sr. Desidério Ramos. Batistão reagiu à prisão e Desidério o matou à bala. Seu filho, Manoel Batista de Moraes, conhecido por Né Batista, já com 21 anos de idade não se conformou.

na primeira oportunidade, matou o sobrinho de um dos assassinos de seu pai, e o rapaz que o acompanhava e pouco depois, tirou a vida do sub-delegado, tornando-se bandido em 1897.

Procurando por justiça, entrou com seu irmão Zeferino, no bando de seu parente Silvino Aires. Aires lutava na Paraíba e em breve foi preso. Mansidão ocupou o posto de chefe do bando, falecendo em seguida em combate.

Né Batista assumiu o comando desse bando e tomou o nome de Antônio Silvino - exigindo dinheiro e alimentos dos fazendeiros, assaltando povoados, atacando inimigos e dando combate às polícias de vários Estados, iniciando-se sua fama que foi tão grande que o chamavam de "Governador do Sertão". Antônio Silvino teve atuação em quatro Estados do Nordeste (Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e o Ceará), ao longo de quase duas décadas.

Sua fama começou a se expandir e não tardou logo uma esperada reação da polícia da Paraíba e Pernambuco. Forças desses Estados, com 13º soldados, sob o comando de Angeclim e Paulino Pinto, cercaram o bando de Antônio Silvino na zona do Surrão, município de Ingá-PB.

Travou-se grande combate. Seis cabras perderam a vida e nove renderam-se, com munição esgotada, Silvino fugiu e ocultou-se entre as rochas. Vendo Silvino que o Capitão Paulino estava de saída, alvejou-o com a última bala. O oficial sentindo-se perdido, mandou executar os prisioneiros. Cena dramática que o grande cangaceiro presenciou, no seu esconderijo.

Antônio Silvino, cangaceiro durante 18 anos, atravessou o Rio Grande pacificamente. Tinha gestos de cavalheirismos, mas não se enquadrava no modelo de Jesuíno Brilhante (cangaceiro Norte-Riograndense), nem se amoldava ao padrão de Virgulino Ferreira - Lampião (cangaceiro pernambucano), que negou a tradição dos velhos cangaceiros e implantou o terror.¹

¹ Raul Fernandes, Antônio Silvino no Rio Grande do Norte, Recife, [s,n], 1987, (rev. letras e artes, nº 8), p. 41-43.

3.2 - As Investidas de Antônio Silvino no Rio Grande do Norte 1901 - No Rio Grande do Norte

Antônio Silvino, no dia 27 de janeiro de 1901, fugindo da polícia da Paraíba, dirigiu-se para o Rio Grande do Norte na direção da Fazenda Pedreira, do Coronel Janúncio Salustiano da Nobrega (Fazenda Pedreira, localizava-se no alto sertão, a cinco léguas ao sul da cidade de Caicó, e a duas, do lugarejo Espírito Santo - atual cidade de Ouro Branco, no Rio Grande do Norte), que nessa época estava fazendo o casamento de sua última filha solteira (o Coronel tinha três filhos e quatro filhas - conhecidas as "moças da Pedreiras").

Ao amanhecer o Capitão Silvino e seus cabras, passaram pela Vila de Santa Luzia do Sabugi, pediram ao vigário da freguesia, Juvino Machado, que fizesse uma coleta entre os

seus paroquianos. Feita a coleta e recebida a importância, os cangaceiros rumaram para o sítio Poção, no extremo do Rio Grande do Norte.

Na manhã, do dia 28 de janeiro de 1901, já no solo norte-rio-grandense, o bando passou pelo povoado de São João do Sabugi, hospedaram-se na casa do Sr. Manoel Amâncio e depois de conseguirem duzentos mil réis da população, dirigiram-se para a Fazenda Pedreira.

No final da tarde, do dia 28 de janeiro, chegaram na propriedade do Coronel Salustino, treze homens armados. Saudaram o Coronel, dizendo serem de paz. De fala arrastada e em tom cordial, apresentou-se: Eu sou o capitão Antônio Silvino, desejo pousada e comida. O fazendeiro mostrou-lhe a casa do engenho onde poderia arrancar-se, sendo prontamente aceito pelo bando.

O povo de Santa Luzia inconformado porque deram dinheiro a Antônio Silvino e seu bando, resolveram persegui-los. Cíveis e praças da Vila de Santa Luzia -PB, sabendo que o bando estava no Rio Grande do Norte, na Fazenda Pedreira e mesmo colocando a família do Coronel Salustiano em perigo, resolveram atacar.

Perplexo e contrariado, depois de informado, o Coronel Janúncio levou, às pressas, esposa e filhos à camorinha de maior segurança. Os bandidos conversavam tranquilos, quando um soldado detonou um tiro de rifle no bandido Pilão, que caiu sem vida, iniciando a luta, no dia 29 de janeiro de 1901.

Em meio ao tumulto, Silvino correu para a estrada. Atirou-se no chão da parede do açude. Dois oficiais julgando morto o cangaceiro, dirigiram-se para ele, quando Silvino se virou e atirou com o seu rifle nos oficiais, matando-os. Com isso a patrulha recuou e bandidos dispersos dispararam em fugas, cessando o tiroteio.

Coronel Janúncio mandou sepultar o facínora no cemitério do povoado de Espírito Santo, enquanto a escolta colocaram os corpos dos oficiais numa talra e os colocaram num burro de volta para as suas casas na Paraíba.

Depois do acontecimento na Fazenda Pedreira, começaram a chegar os convidados, destacando-se, Juvenal Lamartine, juiz de direito de Acari. Realizando a cerimônia como juiz substituto da Comarca de Caicó, no dia seguinte. neste mesmo dia, mais tarde, o vigário, Emídio Cardoso, oficiou a cerimônia religiosa, de Mariana Iluminata da Nóbrega casando-se com Cipriano Bezerra Santa Rosa, depois foi servido o banquete normalmente. Assunto dominante, Antônio Silvino.

Na fuga da Fazenda Pedreira, os cangaceiros Pimenta e Macambira penetraram no município de Santa Luzia do Babugi, na Paraíba, onde foram presos e justicados em 30 de janeiro.

na Fazenda Umarí, no município de Caicó, dois desertores ocultaram-se entre as moitas, na propriedade de Antônio Cezêno que não se encontrava em casa. A sua esposa assustada com a situação avisou à polícia, e quando o cangaceiro de apelido Paciente batia em sua porte, surgem a escolta de quatro praças, chefiados pelo sub-delegado, João Batista Sales.

Preso o bandido Paciente, estava para ser enforcado, quando a fazendeira interveio, impedindo tal crime em suas terras. Prometeram levá-lo para a cadeia de Caicó, mas a caminho tiraram-lhe a vida. O outro marginal conseguiu fugir.

Azulão e Silvino de alcunha "Moreninho" refugiaram-se na Fazenda Domingo, do Tenente-Coronel Gorgônio, que localizava-se no município de Caicó. No dia imediato do ataque da Fazenda Pedreira, isto é, a 30 de janeiro, a força caicoense cerca os cangaceiros, os matando, depois de forte resistência.

Antônio Silvino fugiu para a propriedade de Ponta da Serra, de Félix Pereira Galvão, no município de Acari, depois do combate da Fazenda Pedreira, do dia 29 de janeiro de 1901. Em seguida, isto é, no início de março de 1901, Silvino com mais três cangaceiros, deslocaram-se para as Fazendas Saco de Martins e Lajinha de João Damasceno, localizada no município de Caicó, permanecendo por lá por algumas semanas.

Durante esses dias, Antônio Silvino, teve conhecimento da extensão do desastre - o bando dizimado, com seis mortes e três deserções. muito abalado, encheu-se de ódio, jurou vingar Azulão na pessoa do Coronel Gargônio Ambrósio da Nobrega (político influente, produtor de algodão e dono da Fazenda Domingo, localizada no município de Caicó, que passou a viver precavido da ameaça) e também do Capitão Aristides Guerra (chefe político da região de Santa Luzia do Sabugi - PB) e o povo da Vila de Santa Luzia - PB.

De 1901 a 1910, Antônio Silvino evitou o Rio Grande do Norte. Continuou a afligir os sertanejos na Paraíba e em Pernambuco, visitando fazendas e povoados, surrando pessoas, matando, assaltando, fazendo casamento de moças estupradas e incendiando propriedades.

Em Pernambuco passou por Ingá, Pilões, Figeira, Caruaru, Mogeira e Nazaré, tirando a vida de seis pessoas e ameaçando o Padre José Paulino. Na Paraíba, na Vila do Pilar, soltou detentos e prendeu soldados, recebendo alta quantia pelo resgate do delegado da Vila,

e, em Tropiá, ainda na Paraíba, matou uma pessoa, fugindo após para o Ceará, onde se ocultou por alguns meses.

De volta do Ceará, veio novamente para a Paraíba, arrecadando dinheiro em Alagoinha, Alagoa Nova, Boa Esperança e Soledade. Em Campina Grande e Serra Verde liquidou três lavradores. Novamente em Soledade tomou dinheiro do povo e voltou novamente para a Vila do Pilar e saqueou a loja do Cel. Napoleão. Em Cabeceira e Cachoeira, assassinou dois e depois roubou os povoados de Jatobá e Queimadas. Depois Antônio Silvino deslocou-se com o seu bando para o povoado de Caruaru, no alto sertão pernambucano, continuando sua vida de crimes.

A imprensa pouco informava sobre o interior. As notícias na capital advinham de viajantes, cantadores e folhetos de cordel, que enalteciam a figura do Capitão Silvino, como amigo fiel e justiceiro.

1910 - No Rio Grande do norte

Em 1910, Antônio Silvino estava no auge. Respeitava os lares, defendia injustiçados, tinha inimigos e admiradores. Tornou-se o cangaceiro mais conhecido no Nordeste, recebendo os títulos de: O Rei dos Cangaceiros, Rifle de Ouro, Governador dos Sertões, Rei do Cangaço e Senhor dos Sertões.

Procurado pela justiça, principalmente dos Governos da Paraíba e de Pernambuco, achava que o povo tinha obrigação de sustentá-lo. Através de emissários ou pessoalmente pedia dinheiro. Apesar de estipular a quantia, contentava-se com qualquer soma. Dizia-se honesto e homem de palavra.

O Governo paraibano havia comissionado o alfares Maurício para prendê-lo. Maurício tinha fama de violentão. Ao passar pelo povoado de Serra Negra-PB, zombou do cangaceiro. Garania pegá-lo. Instalou-se no lugarejo Batalhão, na Paraíba (atual Vila de Taparaó).

Silvino, cansado de tantas ameaças, jurou vingar-se e no dia 27 de maio de 1910, aproximou-se do vilarejo de Batalhão. Enviou um mensageiro com a lista das pessoas para

contribuïrem com determinada importância. Confiantes no Militar, ninguém do lugarejo fugiu à solicitação de Antônio Silvino.

O Alferes, sem perda de tempo, saiu-lhe no encalço de Antônio Silvino. Após caminhada, dividiu a tropa. Ficou com seis praças e o rastejador. Cauteloso, aproximou-se na caatinga, num provável escondirijjo dos bandidos. Em dado momento recebeu certa descarga de balas. O rastejador caiu fulminado. Soldados, inclusive os feridos, fugiram. O Alferes, alvejado na cabeça, sangrava, continuando atirando, quando, de repente, tombou agonizando. Feito fantasma, Antônio Silvino emergiu do mato. Correu até o militar e o apunhalou, arrancando-lhe os galões de Capitão. Silvino pega o troféu e fugiu, passando a usar as divisas do Oficial, exigindo ser chamado de capitão. A morte do Alferes Maurício teve enorme repercussão. Os governos da Paraíba e de Pernambuco, enviaram tropas no encalço de Antônio Silvino e seu bando.

Procurando livrar-se da perseguição dos dois Estados, Silvino enveredou para o Norte. Internou-se na caatinga. Nas terras do Cel. Miguel Sátiro, obrigou Manoel Cassiano a levá-lo ao Rio Grande do Norte.

Há nove anos, desde ao "Fogo da Pedreira (luta que o capitão Silvino e seus cobras, tiveram na Fazenda Pedreira, município de Caicó, em 1901, contra uma escolta de civis e de praças da Vila de Santa Luzia do Sabugi-PB), não pisava neste solo, o norte-riograndense. Silvino e seus homens penetraram no Estado, no mês de maio de 1910, pelo município de Currais Novos, à tardinha. Enviou um portado ao chefe político, Cel. José Bezerra, pedindo permissão para dormir na vila, prometendo deixá-lo em seguida.

O Coronel ouviu o recado do portador comatenção e respondendo em seguida, negativamente. No entanto, determinou outro lugar fora da cidade, onde poderia descansar sem medo, com seus cabras.

Antônio Silvino aceitou a indicação e no outro dia, prosseguiu a caminhada, ainda no mês de maio de 1910, passando pela cidade de Jardim do Seridó, exigindo dinheiro da população, deixando parte desse dinheiro, de esmola as pessoas mais pobres da cidade, depois retirando-se com seus cabras.

Em junho de 1910, o seridoense Autéfilo Bezerra e sua esposa, Dona Ambrosina de Faria, foram a uma vaquejada à Fazenda Vespôr de Júlio Batista de Araújo, a duas léguas da Vila de Serra Negra, à margem esquerda do Rio Espinhares.

No outro dia, chagaram vários compradores de gado e para espanto geral, logo atrás, vinham treze homens armados e um deles vinham com um rifle às costas, desmontou e foi se apresentando. Era o Capitão Antônio Silvino, o homen mais temido e procurado do Nordeste.

Com a presença de Antônio Silvino, todos os vaqueiros recusaram participar da vaquejada, alegando não haver condições para realizá-la.

Artéfio, jovem de 22 anos, não recusou. Voutou-se cheio de entusiasmo para o cunhado Lafaiete de Faria e segredou: me empresta o cavalo "Canário", que quero mostrar a Antônio Silvino, como se derruba gado, aqui no setão.

O próprio Silvino foi quem fuzilou o animal depois de derrubado por Artéfio, admirado por tamanho espetáculo. A façanha de Artéfio espalhou-se rapidamente entre os seridoense. Era a figura central nas festas. Em breve, torna-se-ia boiadeiro famoso e lendário.

Ainda, no mês de junho de 1910, Antônio Silvino visitou, pela segunda vez, São João do Sabugi (a primeira visita foi no ano de 1901). Hospeda-se na casa do comerciante e chefe político, Antônio Basílio de Brito. Na manhã seguinte, entregou ao hospedeiro uma célula falsa no valor de quinhentos mil reis, pedindo que a trocasse em miúdos. Compreendida sua intenção, o povo conseguiu juntos com o hospedeiro a importância.

Também no mês de junho de 1910, Antônio Silvino visitou o Povoado de Serra Negra situado no Alto Sertão Seridoense, próximo à Paraíba, à margem esquerda do Rio Espinharas.

Numa manhã tranqüila, Silvino chega na propriedade de Ananias Monteiro, agente do correio, com doze companheiros, querendo comida. Vendo a pobreza do pobre homen, Silvino não exigiu dinheiro. Passou uma semana, deixou a vila sem molestar pessoa alguma, manifestando sua amizade.

Depois, Antônio Silvino passou pela propriedade do comerciante Vicente Dutra em São Miguel de Jucurutu, desejando sempre em um dia morar nesta cidade do Seridó.

1911 - No Rio Grande do Norte

No início do mês de maio de 1911, Antônio Silvino visitou a cidade de Jardim do Seridó, pela segunda vez (a primeira visita foi no mês de maio de 1910), desde que se tornou um bandoleiro.

Hospedou-se na casa do major João Alves, exigindo da população seiscentos mil reis, comida e muita música. A população procurou atender aos perigosos assaltantes, temendo represálias. A vida normalizou-se, quando os bandidos deixaram a região.

Na manhã seguinte, duas léguas adiante almoçaram no Sítio Tapuiá, onde foram recebidos por Alcides da Cunha.

Neste mesmo mês, Antônio Silvino hospedou-se na Fazenda Rosário, no município de Santana do Matos, de seu amigo João Leite e depois foi a Fazenda Serra Branca, no mesmo município, mandando um emissário a cidade de Açú, pedindo a quantia de 500\$00, a várias pessoas, inclusive a Sra. Belisário Wanderley de Carvalho e Silva, Baronesa de Serra Branca, que atendeu prontamente. Através desse emissário, Antônio Silvino visitou a fazenda Serra Branca da Baronesa pacificamente, retornando no outro dia para a fazenda Rosário.

Em seguida, no mesmo mês (maio de 1911), o bando demandaram para a cidade de Santana do Matos, hospedando no Sítio Bocadinho de Manoel Baracho, na periferia da Vila. Após o almoço, saíram, a pé, na direção de Jucurutu. A noite, o bando faminto, pararam à margem da estrada, no Sítio Adequê, de Antônio Baracho, ainda no município de Santana do Matos, sendo recebido pela esposa do Sr. Antônio que estava em casa só com seus filhos. Jantaram e após 1h da madrugada, o grupo partiram, debaixo de forte neblina.

No mês de junho de 1911, antevéspera de São João, pela manhã cedinho, os cangaceiros chegaram ao lugarejo de São da Luísa, município da cidade de São Vicente. Logo que chegou Antônio Silvino foi ao barbeiro e soube em conversas, que o homem mais próspero da região era o senhor Joaquim da Virgem, dono das Fazendas Cauaçu e Garrotes e que no outro dia, na véspera de São João teria uma festa junina na Fazenda Cauaçu.

As onze horas, Capitão Silvino com dezoito cangaceiros chegam na Fazenda, instalando na lotada próxima, descansando após breve refeição. À tardinha chegaram os convidados.

Depois da festa, no outro dia, para surpresa geral, os cangaceiros não manifestaram desejo de partir. O Sr. Joaquim na esperança de livrar-se das suas presenças, deu-lhe quinhentos mil réis. Respondendo Silvino que não tinha exigido quantia alguma, agora se quisesse dar, desse por livre bondade. Só retirando-se no quarto dia após sua chagada, partindo para a Fazenda Macacos de Antônio Bezerra, onde ficou alguns dias.

No começo de dezembro de 1911, esteve pacificamente no município de Santa Cruz de Inharé, no lugar Sítio Novo, almoçando na casa do chefe político, Ezequiel de Souza.

1912 - No Rio Grande do Norte

No início de 1912, Antônio Silvino com alguns dos seus cabras, encontrou com Nicolau Batista, que era da cidade de Acari e vinha de Itabaiana, na Paraíba para a Fazenda Cauaçu, em São Vicente, de onde era empregado, entregar seiscentos e cinco contos de réis, ao Cel. Joaquim da Virgem, proprietário da Fazenda Cauaçu, dinheiro da venda de uma boiada.

Sr. Nicolau tentou fugir quando viu aqueles homens debaixo de um pé de Imbrilzeiro comendo carne com farinha, quando os cabras seguram o seu animal, perguntando logo após se trazia dinheiro. Nicolau respondeu que trazia seiscentos e cinco contos de réis que não era dele, era do Sr. Joaquim, dono da Fazenda Cauaçu e que não podia entregar esse dinheiro, mais tinha ele duzentos contos de réis que podia ficar.

Silvino vendo a coragem e a honestidade daquele homem, quando afirmou a quantia que levava e dizendo de quem era, procurou ser seu amigo, convidando a fazer a refeição com o grupo, dizendo em seguida aquele homem, que era amigo do Sr. Joaquim e que já tinha ficado alguns dias na Fazenda Cauaçu (em maio de 1911, numa festa de São João), ficando Silvino contente que o Sr. Joaquim tinha um vaqueiro honesto.

O valente Nicolau, convidou novamente o Capitão a ir a Fazenda Cauaçu, despedindo quando todos vinham caminhando numa mesma direção, quando o Capitão, mandou Nicolau a marcar quinze dias daquele encontro, que estaria em Cauaçu. Nicolau assim que chegou na Fazenda Cauaçu, contou o ocorrido ao Sr. Joaquim da Virgem.

Ainda no mês de janeiro de 1912, à tardinha, Antônio Silvino com seis dos seus sequazes surgiram na Fazenda Ilhota, de Antônio Othon, no município de Santa Cruz.

Pela manhã, Silvino estava no curral, da Faz. Ilhota, quando surgem o jovem Lindolfo, cunhado de Othon. Após o café, impressionado com o físico do rapaz, convidou-o para seguir comele no cangaço. O rapaz sorriu, montou seu cavalo e foi embora e sem ser convidado pelo rapaz, o Capitão o seguiu até a Fazenda do seu pai, a Fazenda Alívio, que ficava em Currais Novos, uma légua da Faz. Ilhota.

A permanência na Fazenda Alívio foi de quase uma semana, sem querer dinheiro do pai do rapaz e sem conseguir levá-lo com o bando, retirou-se para a Fazenda Cauaçu.

Antônio Silvino chegou na Fazenda Cauaçu, em São Vicente pela manhã, sendo bem recebido pelo volante Nicolau e pelo Sr. Joaquim das Virgens, dono da Propriedade, partindo logo em seguida, dizendo que ia procurar seus conhecidos em Jucurutu.

Silvino, após curta permanência em Jucurutu, largou com o seu bando para o lugarejo Flores (atual cidade de Florânea). Chegaram num domingo pela manhã, logo após, souberam que ia ter uma festa no Sítio Candado, de Laurentino Bezerra, ali perto.

Rápido, Silvino e seu bando, dirigiram-se à propriedade, assistindo à missa e um dos batizados foi seu afilhado, depois participaram do banquete.

Prosseguindo a marcha, surgiram, de surpresa, no povoado de Jardim de Piranhas. O lugar pareceu-lhe abandonado. Prédios sujos, paredes por rebocar, calçadas inacabadas, buracos nas ruas, lixo por toda parte. Assegurou-lhe voltar, depois conseguiu algum dinheiro, deixando o lugar em seguida. Logo medidas corretivas foram logo tomadas.

Em março de 1912, Antônio Silvino, com sete cabras, almoçaram numa casa à beira da estrada do Povoado de Periquito, na cidade de Equador. Depois do almoço, despediram-se das pessoas do lugar e continuaram a caminhada.

Em maio de 1912, ocorreram várias histórias de Antônio Silvino. Uma delas foi quando um comerciante chegou em Mossoró dizendo ter visto um cangaceiro do Capitão Silvino, a dois quilômetros, no bairro do Alto da Conceição. Logo o alarme foi dado e a população entraram em pânico.

O destacamento saiu decidido a prender o bandoleiro, no Alto da Conceição e numa modesta estalagem foi preso em hospede. "Seu delegado, o senhor está enganado, eu não sou cangaceiro". A polícia levou aquele homem preso no intuito de dizer onde estar Antônio Silvino. Por sorte um comerciante o reconheceu, desfazendo o incidente. Tratava-se do seu freguês de Alexandria, que viera fazer compras em Mossoró.

Há onze anos Antônio Silvino desejava vingar-se dos responsáveis pelo ataque à Fazenda Pedreira (ocorrido em janeiro de 1901, no município de Caicó) e pela morte de dois comparsas (Azulão e Silvino de apelido "Moreninho"). Culpava o povo da Vila de Santa Luzia do Sabugi, na Paraíba e do chefe político, Capitão Aristides Guerra, da vila de Santa Luzia do Sabugi-PB.

O Capitão Silvino precisava ocupar a Vila de Santa Luzia e com falta de recursos e com poucos homens foi em Serra Negra aliciar jovens da Paraíba. Ao pôr do sol almoçaram no

Sítio Várzea de Manoel Figueiredo, a duas léguas e meia do objetivo, almoçaram e de madrugada estavam a caminho.

No dia 7 de julho de 1912, na residência do Capitão Aristides, Silvino deu-lhe a sentença: "Tenho contas a acertar com o senhor! vai morrer pelo mal que me fez! Primeiro, vai tomar uma surra". Súplicas da família em lágrimas, não demoveram o rancoroso cangaceiro.

Pela terceira vez, Antônio Silvino apareceu em Serra Negra. Sentado na sala de frente, na casa de Leônidas Monteiro, narrava suas façanhas. Depois de alguns dias na Vila de Serra Negra, deixou a vila, com seus cabras com destino à Jucurutu.

Em Jucurutu, Antônio Silvino, no Povoado de São Miguel, fez as pazes com Nóbrega (uma rixa desde janeiro de 1901, depois da luta da Fazenda Pedreira, no município de Caicó-RN, com a escolta de praças e civis da Vila de Santa Luzia do Sabugi-PB. Na fuga, o Capitão Silvino perdeu seu bando, com seis mortos e três deserções. Entre os mortos estavam Azulão e Silvino de alcunha "Moreninho", que foi preso e morto na Fazenda Dominga, do Tenente-Coronel Gargônio da Nóbrega, em Caicó-RN), depois de alguns dias foi embora dizendo ser de paz e pedindo ao Sr. Vicente Dutra que falasse com o deputado federal Juvenal Lamartine para conseguir o seu perdão, no intuito de viver em paz no Rio Grande do Norte.

Certo dia, às quatro da tarde, primeira quinzena de outubro de 1912, surge Antônio Silvino, com oito homens na Fazenda Estrela do Norte, em Caicó, de Francisco Janúncio da Nóbrega, dormiram, almoçaram e depois partiram. Repetiu duas vezes a visita. O acordo com os Nóbregas seria cumprido e todos os envolvidos, viveram em paz.

Antônio Silvino, no mesmo mês outubro de 1912, de passagem pelo lugarejo de Santana do Matos, hospedou na casa de Padre Lúcio Gambarra e soube da presença da Baronesa Belisária Wanderley de Carvalho e Silva de Serra Branca (já visitada pelo Capitão Antônio Silvino, em maio de 1911) e procurou visitá-la, e a mesma o recebeu, apesar da visita não ser bem vinda.

Em 5 de novembro de 1912, o Capitão Silvino esteve em Augusto Severo, na Fazenda Cachoeira de seu Luiz Florêncio, chamado seu Lulu, e no outro dia, a Fazenda estava para ser invadida pelo bando de Artur de Tal, sendo impedida por Antônio Silvino e seu bando.

1913 - No Rio Grande do Norte

No início de janeiro de 1913, Capitão Silvino, surgiu no Sítio Cachoeira de Crispim de Almeida, na extrema da Paraíba. Fêz mais um quilômetro, alcançou o Sítio Ilha, de Domingos, filho de Crispim, já no Rio Grande do Norte. Do alvorecer, reiniciou a caminhada e meia légua depois alcançou Alto do Cascalho, vizinhança de Barriguda, município de Martins, conseguindo 300\$000 de uma coleta das pessoas do povoado.

As três da tarde deixou o povoado, dirigindo-se à casa de José Ozana, a duas léguas, no Sítio Tabuleiro Formoso, na Paraíba e no outro dia, de madrugada, rumo à Serra do Comissário, tendo sido a última visita do Capitão Antônio Silvino à zona Oeste.

Perseguido na Paraíba, retornou Antônio Silvino à terra potiguar, desta feita pelo município de Currais Novos, ainda no mês de fevereiro de 1913. Depois dirigiu-se para Fazenda Pitombeira, em Acari. Depois da ceia, o bando descansou e logo após, continuaram a marcha.

Certa manhã ensolarada, surgiram no terreno da propriedade Aba da Serra de Joaquim Costa, uns vinte cavaleiros armados. Depois partiram para o lugarejo de Lajes, duas léguas adiante, onde pernoveram. Silvino hospedou-se na casa de seu Terto. Ao escurecer, o bando retirou-se.

Ainda no ano de 1913, esteve em São José de Mipibu, na residência do Vigário José Paulino, no intuito de arranjar dinheiro. Silvino, ameaçando o Padre, quando o mesmo mostrou o crucifixo, dizendo que aquela era sua arma contra os inimigos mandando que o cangaceiro beijasse o nosso Deus. O cangaceiro retirou-se sem nada dizer.

Decorrido pouco tempo, soube-se que estava no Braço, próximo ao lugarejo Mata Limpa, distanciado da Aldeia de Areia. Chegou a pé, com meia dúzia de homens ao Sítio Caruja de Afonso Cabral. O bando runcitou a marcha por fora da estrada principal, e deixou o Agreste para trás.

Reataram a marcha e apareceram na Faz. São José, a trinta quilômetros do Povoado de São Tomé. Silvino permaneceu três dias ocupado em trocar e desenvolver animais emprestados, na casa do fazendeiro Lourenço Marquês. Silvino, dispensou parte dos companheiros, deixou o Sítio e foi a São Tomé, depois rumou para o Sul.

Achava-se o bandoleiro no município de Currais Novos no Sítio do Major Pires, tentando conhecer o Cel. José Bezerra, chefe Político da região, quando o mesmo mandou que Antônio Silvino viesse à sua propriedade, se viesse sozinho. Desiludido por não ter aproximação desejada, Silvino prosseguiu pelo Estado. Matutos nas feiras, contavam que Antônio Silvino almoçara no Povoado de Parelhas e estivera nas Faz. Carnaúbas dos Dantas e Molhada Grande, de Caboclo.

1914 - No Rio Grande do Norte

Na primeira semana de outubro de 1914, Antônio Silvino foi a Serra Negra, com oito cangaceiros, à procura de velhos conhecidos, depois apareceu em Leojinha, a cinco léguas de Caicó. Depois apareceu em Acari.

Em Acari, surge Antônio Silvino na Faz. Pedra e Cal, que fica a meia légua da cidade. Mandando o dono da Fazenda, fazer uma coleta na cidade. O chefe Político, Cel. Silvino Bezerra ameaçou expulsar do município de Acari.

Inconformado, Silvino pediu motarias emprestadas e partiu. Na caminhada chegou a pedir ao próprio Delegado da cidade, Félix Pereira (irmão do Sr. Joaquim das Virgens, da Faz. Cauaçu), que arranjasse dinheiro para ele e seu bando.

Na cidade, dez voluntários, comandado pelo jovem Promotor Público, Félix Bezerra (filho do Delegado de Acari, o Sr. Félix Pereira), organiza uma patrulha para defender a cidade do Capitão Silvino.

De Acari, Antônio Silvino alcançou Solidade, quando o Capitão toma conhecimento da patrulha e dirigiu para a Fazenda Cauaçu, do Sr. Joaquim das Virgens (já visitada por ele em junho de 1911 e depois em janeiro de 1912, no município de São Vicente), queixando-se ao Sr. Joaquim da perseguição que vinha sofrendo.

Escoltas bem armadas cruzavam os sertões da Paraíba e de Pernambuco, que não lhe davam tréguas. Assim, era forçado a procurar o Rio Grande do Norte em busca de paz e segurança. Porém em decorrência do encontro com o Delegado de Acari a situação se agravava, perdendo a tranquilidade. Neste momento, na Faz. Cauaçu, chega Nicolau Barata, da cidade de Acari, relatando que o povo armava-se para prender o Capitão.

Joaquim das Virgens se voltou para Silvino e pediu para ele ir embora, porque o Delegado era seu irmão e o seu filho era o promotor público e o responsável pela patrulha civil e podia botar uma tocaia. Preocupado, Antônio Silvino e seu bando fugiram.

O Capitão Silvino e seus cangaceiros saíram da Faz. Cauaçu, cavalgaram pelo sapé da Serra Talhada, nas terras de Solidade, viram de longe a patrulha, O Capitão alcançou a Faz. Carnaubinha, depois, passou ao largo da Vila de Currais Novos e da Serra do Doutor. As nove da manhã, estava na Faz. Mulungu de Francisco Cardoso, a dois quilômetros da Paraíba, pernoitando. Pela manhã, do outro dia, 08 de novembro de 1914, tomou a estrada que o levaria à Serra Vermelha, depois passou por Serra do Chapéu fronteira dos dois Estados, entrando no município de Picuí e a dois quilômetros da Vila. Na Faz. Várzea da Cruz de Ostiano Pinheiro de Araújo, parou para beber água. A marcha, continuou, dali por diante, a sorte estava lançada.

A patrulha de Acari, comandada pelo Delegado Félix Pereira e pelo seu filho, Félix Bezerra, o Promotor Público, conseguiram os seus objetivos. Na chegada em Acari, foram recebidos por muita agitações.

¹ Raul Fernandes, Antônio Silvino no Rio Grande do Norte, Recife, [s,n], 1987,(rev. letras e artes, nº 8) p.47-147.

3.4 - Prisão e detenção do Capitão Antônio Silvino - 1914

Em novembro de 1914, o Governador Dantas Barreto de Pernambuco mobiliza a polícia para prender Antônio Silvino. Os tenentes José Caetano, Manoel Neto e o Alferes Teófenos Torres assumiu o comando das tropas.

Silvino, com numeroso grupo, invadiu a Vila de Macapá. Implantou o terror. Prendeu os soldados na cadeia e soltou os detidos. Saquearam lojas e as incendiaram e matou um comerciante. O sargento Elízio Virgulino, no Povoado de Vicência - Pe, reuniu 16 praças do seu destacamento e foram em socorro da Vila Macapá - Pe.

O Capitão Antônio Silvino deixou a cidadezinha e ocultou-se na vizinhança. O Sargento Elízio foi em seu encalço. O Capitão não sustenta o fogo e retirou-se derrotado. A sorte do Rei do Cangaço mudara.

Informado do ocorrido, o Alferes Teófenos Torres e o Sargento José Alvino, vai até a Fazenda Lagoa da Laje, no município de Taquaritinga- Pe, do velho Joaquim Pedro e localiza o bando.

No tiroteio, os cabras surpresos, lutam num revide inútil, com munição escassa, que durou uma hora. A força tomou a sede da Fazenda de Joaquim Pedro. Silvino banhado de sangue e com dificuldade, alcança a moradia de João Vicente, perto do local da luta e se entrega.

Era o dia 28 de novembro de 1914. Encontraram Silvino gravemente ferido, com o tórax perfurado a bala, do lado direito. Removeram de burro, a rede até a cidade de Caruaru e de trem de Caruaru para Recife. Ao chegar na Capital pernambucana foi levado para a enfermaria da Casa de Detensão muito mal.

Sua prissão foi manchete de jornais, e os militares foram recebidos no Recife como heróis e no mercado público de São José, cantou-se:

Brigou com mil soldados,
Tropas de quatro nação;
Com a pólvora dinamite,
Pistola, rifle, canhão.
O homem está na cadeia,
A fama está no Sertão!

Na detenção não admitia ser chamado de bandido¹ de assassino. Esperava a absorção de seus crimes. Foi julgado no júri de Olinda. O primeiro julgamento foi no dia 5 de setembro de 1916, respondendo por crime de morte em Caruaru no ano de 1905, sendo condenado a trinta anos de reclusão. No segundo, que foi realizado no dia 17 de setembro de 1916, foi absolvido. No terceiro julgamento, que ocorreu no dia 21 de setembro do mesmo ano, foi condenado a nove anos e quatro meses. Os quatro júri não se efetuou, por motivo de doença do réu. Os oito julgamento restantes foram transferidos para o ano seguinte, e nunca se realizou.

¹ Raul Fernandes, Antônio Silvino no Rio Grande do Norte, Recife, [s.n],1987 (rev. Ictras e artes, nº 8) p. 149-159.

3.5 - Liberdade e morte de Antônio Silvino - 1944

A boa conduta recebeu o indulto do Presidente Vargas e recebeu a liberdade no dia 19 de fevereiro de 1937. Passou na prisão 23 anos, dois meses e dezoito dias de reclusão. Detido aos 39 anos, deixou o presídio com 62 anos, envelhecido e sem recursos.

Levado por um dos seus filhos ao Rio de Janeiro, conheceu o Presidente Vargas. Em Pernambuco, não retornou à terra Natal, perambulou pelas cidades e povoados, visitando fazendeiros amigos, depois dirigiu-se à Paraíba.

No Rio Grande do Norte visitou as cidades de Serra Negra do Norte, Caicó, Jardim de Piranhas e Jucurutu (cidade de que tanto gostaria de morar) e depois retornou à Paraíba.

Na Paraíba, passou os últimos quatro meses de sua existência, doente e disiludido, na casa de uma prima em Campina Grande. As dezenove horas do dia 28 de julho de 1944, faleceu. Deixou oito filhos. Os poetas populares comentaram:

DE CANGACEIRO A BEATO,
DE GENTE GRANDE A MENINO,
DE CORONEL A MATUTO,
FOI FORÇA DO DESTINO.
CHAMAM TODOS SEU VIGÁRIO,
SACRISTÃO QUE BATIA O SINO,
CALOU-SE O RIFLE DE OURO,
MORREU ANTÔNIO SILVINO!¹

¹ Raul Fernandes, Antônio silvino no Rio Grande do Norte, Recife [A, M], 1987.(rev. letras e artes, nº 8) p.163-170.

IV- CAPÍTULO

4- LAMPIÃO - O TERCEIRO CANGACEIRO NO RIO GRANDE DO NORTE

4.1- MOTIVOS QUE LEVARAM LAMPIÃO AO CANGAÇO.

Virgulino Ferreira da Silva, vulgo "LAMPIÃO", nasceu na comarca de Vila Bela, no Estado de Pernambuco, a 7 de julho de 1897, na Fazenda do seu pai, José Ferreira dos Santos, chamada de Pedras, situada no sopé da Serra Vermelha.

Lampião considerado o "Reis dos Cangaceiros", nasceu e cresceu numa zona muitas vezes frequentada por Antônio Silvino. Nasceu no ano em que Silvino entrou para o cangaço; Tinha 17 anos quando o famoso cangaceiro foi preso. Não há dúvida que o Capitão Antônio Silvino serviu de exemplo a Lampião.

Virgulino fez sua entrada no banditismo em 1916, quando tinha 19 anos, devido a uma invasão de propriedade e pretensos roubo de animais e chocalhos feitos por um vizinho dos Ferreiras, por um dos moradores de Saturnino (família que vivia vizinho a família dos Ferreiros).

Acompanhado por Virgulino e Levino(seu irmão) e de um policial parentes de Ferreiros, foram à casa do morador, nas terras de Saturnino e declararam que os couros encontrados lá tinham a marca dos Ferreiras. Saturnino, como de costume, achou que a vida dos Ferreiras e do parente chefe de policia às suas terras, assim como as acusações, eram um insulto.

Já Saturnino, declarou que seu morador não precisava ter medo, pois seria protegido. Também acusou os filhos dos Ferreiras de maltratar seus animais e roubar seus chocalho, e avisou-os para se manterem afastados de suas terras.

É difícil julgar hoje em dia quem tinha razão, o certo é que a má vontade entre as duas famílias degenerou em violência. José Ferreira, juntamente com chefes locais influentes, procuraram entrar em acordo com Saturnino e seus parentes, esperando assim, evitar violência que já tinha ocorridos por estes conflitos. Os acordos entre litigantes, para a solução de problemas de justiça, não eram fora do comum, numa terra onde as instituições públicas

eram fracas e geralmente corruptas. O pai de Virgulino, tendo menos prestígio do que Saturnino, levou a pior. Os Ferreiras tiveram que vender suas terras e se mudarem para um lugar perto da Vila de Nazaré, na Comarca de Floresta.

José Saturnino e seus parentes próximos estavam proibidos de irem perto de Nazaré, pela justiça local. Saturnino e seu cunhado, José Nogueira, quebraram o acordo indo a cidade de Nazaré, iniciando sérios conflitos com os Ferreiras de bolas.

Virgulino e seus dois irmãos, Antônio e Levino, iniciaram sérias complicações com a política da região. Depois, sua mãe Dona Maria, grovemente doente e devidos as constantes viagens que José Ferreira tivera que fazer por causa das complicações que tiveram com as famílias Saturnino e os Nogueiras (cunhado de Saturnino), ela não suportou depois morreu.

Os três irmãos começaram a criar forma no banditismo, que começaram a se estender por todo o Sertão, e com está forma pagaram muito caro.

O seu pai, José Ferreira estava na Fazenda de Frangoso, seu amigo, no dia 9 de maio de 1921, em Alagoas. Quando os policiais alagoanos, achando que Virgulino estava também na fazenda e sob o comando do chefe de polícia, Amarilo Batista de Água Branca e do Sargento José Lucena da polícia do Estado, invadiu a Fazenda e não fizeram nenhuma pergunta, começaram a atirar em todos os moradores, porque, disseram depois, que aquela Fazenda era um covis de cangaceiros. José Ferreira (pai de Lampião) e seu amigo, Frangoso, foram mortos.

Para Virgulino, Antônio e Levino, a sorte estava lançada. Virgulino declarou que, tendo perdido seu pai por culpa da polícia alagoana - e responsabilizando-a também pela morte de sua mãe - iria lutar até à morte e, se pudesse, tocaria fogo em Alagoas.

Lampião ingressou no cangaço em 1921, durante mais de 17 anos se intitulou "Governador do Sertão", brigando com as polícias militares de sete Estados, tendo participado de mais de cem combates, nos quais perdeu entre mortos e prisioneiros, cerca de 800 homens e perderam a vida cerca de dez oficiais e mais de duzentos soldados, cabos e sargentos.

Por ironia da sorte, Lampião e seus irmãos nunca conseguiram vingar satisfatoriamente a morte de seu pai. Os dois homens que eles diziam serem responsáveis, José Saturnino, e o sargento José Lucena, da polícia de Alagoas, sobreviveram aos Ferreiros, por muitas décadas: José Saturnino, entrou para a polícia de Pernambuco, para se proteger e viver agora (1980- publicação de Lampião, o Rei dos Cangaceiros de Billy Joyner Chongler) numa

fazenda, de onde pode olhar para a Serra Vermelha e ver o lugar onde ele e Lampião trocaram os primeiros tiros; José Lucena, continuou a fazer carreira na polícia de Alagoas, e finalmente chegou a ser Prefeito da Capital alagoana; José Nogueira (cunhado de José Saturnino), foi morto por Lampião, no dia 23 de fevereiro de 1926, em Serra Vermelha-PE; Manoel Cypriano de Souza, o homem que indicou onde José Ferreira - o pai de Lampião estava, quando foi morto. No dia 15 de agosto de 1922, quando seu Manoel voltava para casa, depois de ter feito a feira em Água Branca, encontrou com Lampião e dois de seus homens, de tarde, numa estrada.

Os cangaceiros perguntaram a Manoel seu nome, e depois, disseram-lhe para desmontar e entregar todo o seu dinheiro. Reconhecendo Lampião, e vendo que podia ser morto, Manoel começou a pedir misericórdia, suplicando para que o deixassem viver e cuidar de sua família. Então, Lampião respondeu: "Sim, agora você conhece Lampião. Foi você quem indicou onde meu pai estava, para o matarem. Portanto, agora você é quem paga". Recuando alguns passos, Lampião deu três tiros em Manoel, e , embora este já estivesse morto, mandou que seus companheiros atirassem no corpo algumas vezes mais.

4.2- ORIGEM DO APELIDO DE LAMPIÃO

A versão mais popular é que Virgulino tinha tanta habilidade de atirar com um rifle de repetição, que chegava a dar a impressão de uma luz contínua na escuridão, como se fosse a luz de um lampião.

4.3- LAMPIÃO E SUA FAMÍLIA

José Ferreira- O pai de Lampião era considerado um pai bondoso e trabalhador, que sempre procurava guiar seus filhos através das homestidade e do trabalho, apesar das dificuldades que existiam na época. Morreu nas mãos da polícia de Alagoas, na Fazenda do seu amigo, em maio de 1921.

Maria- Sua mãe, morreu por doença, devidos as constantes mudanças que seu José Ferreira fizera, para evitar os conflitos com a família de Saturnino. Doente não suportou as viagens e morreu. Lampião também responsabilizou a polícia alagoana pela sua morte.

João- O filho mais velho que José Ferreira teve com Dona Maria. Cuidou dos irmãos menores, quando morreram José Ferreira e Dona Maria e quando Lampião, Antônio e Levino abraçaram o cangaço. Mais tarde, em Juazeiro, cuidou da filha de Lampião e de Maria Bonita, chamada Expedita. Nunca João entrou para o cangaço.

Levino- Ingressou no cangaço juntos com Lampião e Antônio, pelos mesmos motivos. Morreu no ano de 1925, num combate que Lampião teve com a polícia da Paraíba, em Flores, já no município de Pernambuco. Levino, morreu, depois de ferido num combate contra os soldados chefiados pelo Sargento José Guedes, que ganhou fama de ter sido um dos mais competentes caçadores de Lampião.

No momento do combate, Lampião estava acompanhado de quinze homens. Contam que quando Levino morreu, Lampião amputou-lhe a cabeça, numa tentativa desesperada de evitar que a polícia tomasse conhecimento de sua perda. Levino foi o primeiro entre os filhos de José Ferreira a morrer no cangaço.

Antônio Ferreira- Iniciou no cangaço juntos com Lampião e Levino, pelas mesmas razões. Morreu em Pernambuco, no ano de 1926, na Fazenda de Poço de Ferro, do Coronel Angelo da Gia, porém, de um acidente. Ele e outros quatro do bando estavam lutando de brincadeira por uma rede no alpendre da fazenda; quando derrubaram uma espingarda, que disparou e atingiu Antônio, matando-o instantaneamente.

Luiz Pedro foi o responsável. Receosos pelo que podia acontecer-lhes, os cangaceiros levaram o corpo para onde estava Lampião e explicaram as circunstâncias da morte de Antônio. Lampião repreendeu-os por estarem brincando, mas em vez de puni-los, disse a Luiz Pedro que ele iria substituir Antônio no bando. Luiz Pedro tornou-se, assim o copanheiro de mais confiança de Lampião, e iria morrer juntos, em Angicos em 1938.

Ezequiel- O filho mais novo de José Ferreira. Entrou para o bando quando foi avisar à Lampião da prisão do seu irmão João, em 1927, sob pretexto que João estava fornecendo munição à Lampião. João foi preso junto com dois empregados seus, um cunhado e um primo, mais não foram condenados ~~por~~ ~~qual~~ ~~quer~~ delito.

Ezequiel, morreu lutando contra a polícia baiana, no dia 24 de abril de 1931, em Umbrezeiro de Touro, na Bahia, numa Fazenda perto da cachoeira de Paulo Afonso. Depois da morte do seu irmão, mais moço, Lampião e seus homens espalharam a morte e a destruição por onde passavam. Conforme disse um dos cangaceiros, depois, somente numa noite,

mataram mais de dez pessoas, escolhendo suas vítimas entre as pessoas que encontravam na estrada. Ezequiel, também era conhecido como Ponta Fina.

Virgínio, apelidade de Moderno - Seu cunhado. Em 1931, morreu em combate com a polícia baiana. Seu nome era Virgínio de Engraça, parente e cunhado, casado com Amália Ferreira, irmã de Lampião, já falecida.

Expedita- Filha de Lampião e de Maria Bonita, nasceu em 1932, foi entregue, pelos pais, a um coiteiro de confiança, em Sergipe. O vaqueiro e sua mulher receberam instruções para tomarem conta dela até que chegasse o tempo de ir para a escola, quando então, deveria ser entregue a seu irmão João. O segredo de ser filha de Lampião foi guardado como um segredo de Estado, embora seus pais passassem de vez em quando pela fazenda para vê-la. Expedito teve uma filha, chamada de Lúcia (neta de Lampião).

João - O filho que Lampião não conheceu. No Jornal do Brasil, de 16/04/94- traz uma reportagem de Luiz Pedro Lima reporter paulista.

Foi feito um exame de DNA, com Expedita (filha de Lampião), sua filha Lúcia (neta de Lampião) e com João, um pernambucano de 42 anos, nascido em EXU. O exame foi feito na Laboratório Norte-Americano LIFECOADES CORPORATION, especializado em genética - em Massachusetts - EUA. Realmente foi comprovado a veracidade do exame, constatando que João realmente é filho de Lampião.

4.4 - Formações dos Primeiros Bandos de Cangaceiros

Depois da morte de seu pai, Lampião, Antônio e Levino passaram rapidamente à categoria de bandidos profissionais, seguidos por Antônio Rosa, um amigo que tinha morado na casa dos Ferreiras, em Alagoas.

Como um grupo de quatro pessoas não causava muito temor eles se juntavam, de vez em quando, a outros bandos maiores. É provável que tenham ficado por algum tempo com Antônio Matildes, que depois fugiu para Paraíba, onde viveu em paz os últimos anos de sua vida.

Os principais aliados dos Ferreiras, neste período, foram os Porcinos e seu bando de Alagoas. Este famoso grupo de impetuosos criminosos, chefiados por Antônio Porcino, tinha adquirido uma má reputação nos últimos cinco anos. Os ataques que faziam às pequenas cidades e povoados, logo provocaram a vinda de um considerável contingente de soldados para

região, alguns comandados pelo inimigo número um dos Ferreiras, José Lucena (o Sargento de Polícia de Alagoas que matou o pai de Lampião).

As alianças dos Ferreiras com os Porcinos não duraram mais do que algumas semanas. Dizem que Antônio Porcino morreu num choque com a polícia, na Bahia, em setembro de 1921. Seu irmão, Pedro, foi baleado pelo próprio sogro, e morreu também na Bahia. Durante os meses que se seguiram aos assaltos, os Ferreiras lutaram no bando de Sebastião Pereira. Não foi só experiência no campo de batalha que Lampião aprendeu com Sebastião Pereira. Aprendeu também como se comportar um bandido profissional, principalmente em seu relacionamento com as comunidades maiores.

Lampião passou somente alguns meses com o célebre cangaceiro, pois, em 1922, Sebastião Pereira decidiu abandonar a região e procurou uma vida nova em outro lugar.

Desta vez, Sebastião Pereira conseguiu. Depois de se despedir de Lampião, perto da fronteira de Pernambuco e Ceará, ele e dois homens de seu grupo viajaram para o distante e pouco povoado estado de Goiás. Luiz Padre, seu primo já estava lá, esperando-o. Ambos viveram até bem velhinhos.

Lampião, com seu próprio bando e os remanescentes do bando de Pereira, tomou o lugar de seu antigo companheiro, e era agora o principal bandido dos sertões.

4.5 - Participação de Sebastião Pereira no Cangaço

Sebastião Pereira, também conhecido como "Sinhô Pereira", era considerado o mais importante cangaceiro, quando Lampião abraçou o cangaço. Também serviu de exemplo e de orientador à Lampião. Veio da Região do São Francisco, região onde Lampião nasceu e cresceu.

Sinhô Pereira foi, como Antônio Silvino, um bandido excepcional, um cavalheiro, nascido de uma das famílias de maior prestígio na região. Ele também entrou para o cangaço procurando vingar a honra da família. Mas isto não foi inesperado, visto que sua família estava empenhada num dos conflitos mais acirrados entre famílias do sertão. As lutas dos Pereiras fazem parte importante do cenário social em que Lampião se tornou cangaceiro.

As desavenças entre as famílias Pereiras e Carballho começaram devido à rivalidade política no final da década de 1840, mas foi em 1920 que o litígio entrou em sua fase mais violenta.

Os fazendeiros ricos eram forçados, pelas circunstâncias, a armar seus vaqueiros e moradores para proteger suas famílias e suas propriedades, ou como alguns o fizeram, recrutou um pelotão especial entre os rapazes mais corajosos.

Um destes bandos foi formado por Sebastião Pereira em 1916, quando Né Dadu, um de seus irmãos mais velhos, foi assassinado. Né, que tinha vingado a morte do chefe dos Pereira, em 1907, Manoel Pereira (pai de Luiz Padre, vulgo Padre Pereira-primo de Sebastião Pereira), conseguira sobreviver até 1916, apesar dos inúmeros atos de violência que marcaram a continuação da briga entre os Carvalhos e os Pereiras. Né Dadu foi assassinado quando dormia ao lado de um de seus pistoleiros no qual tinha a maior confiança. A família dos Pereira desconfiava que este pistoleiro trabalhava para a família dos Carvalhos.

Anos mais tarde, Sebastião disse que tinha entrado para o cangaço, devido ao brutal e covarde assassinato de seu irmão, e por causa de sua total falta de esperança na justiça dos homens e do governo.

Sebastião com vinte anos, resolveu dedicar-se de corpo e alma a vingar a morte do irmão. Tendo viajado ao Ceará para visitar um parente, voltou com um bando de 18 homens. Acompanhado e dividindo com ele a chefia do grupo, estava seu primo, Luiz Padre, filho de Manoel Pereira (Manoel Pereira foi o chefe dos Pereira assassinado em 1907 e que foi vingado a sua morte, por Né Dadu, irmão de Sebastião Pereira).

Lampião se juntou ao bando de Sebastião Pereira e de Luis Padre, uns cinco anos mais tarde. Alguns meses depois, achou-se por força das circunstâncias, à testa do grupo.

4.6 - Atuações dos Governadores, Chefes Políticos e Fazendeiros Ricos

Governadores- Mostraram pouco interesses nos problemas do cangaço no sertão, faltavam soldados, não se preocupavam com a segurança da região, apenas preocupavam na época da política de ter contato com os chefes políticos locais para arrajarem votos para a política nacional.

Chefes Políticos- Faziam acordos com os cangaceiros, principalmente nas compras de armas. Utilizavam os cangaceiros para lhes darem proteção nas suas propriedades e para atacarem seus inimigos. Conseguiram com seus prestígios juntoas autoridades governamentais que Lampião não seria atacados e os protegiam da polícia.

Fazendeiros Ricos- Pagavam suas contribuições aos cangaceiros, ajudavam nas compras de mantimentos e de munições. Serviam de mensageiros e escondiam os cangaceiros em suas propriedades em épocas de fugas.

4.7 - Os Coiteiros

Eram fazendeiros ou qualquer outra pessoa do Sertão, que serviam de proteger, avisar ou fazer qualquer coisa que os cangaceiros precisassem, muitas vezes por proteção e muitas por medo de Lampião.

Aqueles que traíam, seriam mortos, suas propriedades saqueadas e queimadas. O auge dos Coiteiros foi no período de 1923 à 1926.

4.8 - A Coluna Prestes e Lampião na cidade de Juazeiro

A Coluna Prestes - Foi uma consequência de um levante militar mal sucedido em São Paulo, em junho de 1924. No início de 1926, a coluna atravessou o Nordeste, no intuito de manter viva a oposição ao Governo do Presidente Artur Bernardes.

Uma parte dos insurgentes empreendeu uma travessia pelo interior do Brasil. Chefiados por Luis Carlos Prestes, que depois se tornou o chefe de partido Comunista no Brasil. Os esforços do Governo Federal para apagar a chama da revolta foram sem efeitos, e, geralmente, a defesa contra os Cumunistas era deixada a cargo da Polícia Estadual e dos chefes Políticos dos Sertões e de seus Pistoleiros.

No Ceará, a tarefa de organizar a defesa do Estado coube em parte, ao Deputado Federal Floro Bartolomeu, do Juazeiro. Foi ele, que resolveu incluir "Lampião" em seus planos.

O prestígio de Floro, tanto no Estado como perante toda a Nação, se baseava no modo como ele manobrava a influência política do Padre Cícero. Depois de sua chegada à Juazeiro, em 1908, juntamente com Padre Cícero, tinha montado um máquina política capaz de dominar a política estadual.

Floro, começou a sua defesa, recrutando às pressas pistoleiros do Cariri. Os recrutados deste exército eram chamados de Batalhão Patriótico. Ganharam novas armas,

vindo do exército federal. Entre eles estavam muitos dos pistoleiros que compunham a tropa particular do Coronel Isaias Arruda, de Missão Velha, em dos amigos de Lampião, no Ceará.

O Deputado Federal Floro Bartolomeu, mandou uma carta à Lampião, por um mensageiro e antes de Lampião responder a carta, a Coluna Prestes atravessou o Ceará, seguiu para o Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, em janeiro de 1926.

Quando a Coluna estava em Pernambuco, Lampião matou o cunhado de José Saturnino (José Nogueira-da família dos conflitos com os Ferreiras), em Serra Vermelha-PE. Neste período da morte de José Nogueira, no dia 23 de fevereiro de 1926, a Coluna Prestes estava na área e de fato Lampião teve contato com a Coluna, no mesmo dia e que pensou estar lutando com a polícia.

Antes da Paraíba, Prestes sugeriu a Lampião que juntasse a Coluna. Lampião não aceitou.

Início de março de 1926, Lampião aceita o convite de Floro, quando a Coluna estava na Bahia. Floro viaja as pressas para o Rio de Janeiro, morrendo no dia 8 de março de 1926, por doença.

Em Juazeiro, quando Lampião e o seu bando chegou, o Padre Cícero teve que tratar-se pessoalmente com os cangaceiros, devido a morte do Floro. Esse encontro de Lampião com o Padre Cícero, foi o ponto máximo da visita de Lampião à Juazeiro.

Antônio Ferreira (irmão de Lampião) e Sabino (cabra de confiança de Lampião) exigiram do Padre, em nome do Governo da República dos Estados Unidos do Brasil, uma nomeação de Lampião à Capitão dos Batalhões Patrióticos, que pudesse Lampião e seus homens permissão para viajar livremente, de Estado a Estado, em companhia dos Batalhões.

O Padre alegou que ele como padre não tinha cargo oficial para assinar tal documento. Pedro de Albuquerque Uchôa, um agrônomo que estava trabalhando em Juazeiro como inspetor agrícola para o Ministério da Agricultura e que estava na ocasião foi solicitado pelo padre para assinar tal documento. Uchôa assinou. Mais tarde disse que "teria assinado até mesmo a exoneração de Artur Bernardes de Presidente da nação se Antônio Ferreira e Sabino Gomes tivessem pedido".

Lampião satisfeito, ainda recebeu para ele e seus homens, mantimentos, equipamentos e trocaram as velhas espingardas. Winchester pelos novos Mausers automáticos, do almoxarifado do Batalhão Patriótico.

Saindo de Juazeiro pelo sul, Lampião seguiu a direção dos revoltosos, que estavam na Bahia. Mas em Pernambuco, o seu entusiasmo pela nova vida começou a arrefecer. Quando chegou a Cabrobó, uma cidade que fica às margens do rio São Francisco, no limite com a Bahia, a polícia de Pernambuco, recusou a reconhecer sua patente e saiu em perseguição ao grupo de cangaceiros.

Desiludido, ele e seus homens, fizeram meia-volta e pegaram o caminho do norte. Pararam e acamparam na comarca de Salgueiro, e de lá, mandaram para Juazeiro dois revoltosos que tinham capturado.

Levantando o acampamento de Salgueiro, Lampião voltou ao Ceará, em direção do Juazeiro, com a intenção de visitar de novo o Padre Cícero, e no caminho soube que o Padre Cícero não queria mais vê-lo, mandando um recado para não ir a cidade. A crítica severa de que fora vítima depois da primeira visita de Lampião a Juazeiro foi talvez a única explicação que o Padre teve com o seu modo de agir, pois o mesmo, em 1926, era candidato à Câmara Federal.

Consta que Lampião ficou furioso com a recusa do Padre Cícero, mas não perdeu seu respeito pelo Velho Padre. Lampião com raiva voltou a Pernambuco, fazendo incursões ao Estado da Paraíba, nos meses de abril e maio de 1926.

4.9 - As Táticas de Guerrilha

Por ser o perseguido, Lampião tinha sempre uma certa vantagem tática. Sempre os informantes, coiteiros e espiões avisavam previamente os movimentos da polícia. Sempre levavam os volantes para uma emboscada, e depois de alguns minutos de tiroteio, fugiam em todas as direções, reagrupando-se em seguida, preparando outra cilada.

Quando estavam em combate, pediam à população que desse informações erradas do seu paradeiro. Possuíam uma grande habilidade de cobrir os seus rastros, andava muito sobre as pedras e em estradas de areias, usavam ramos de arbustos para cobrir as pegadas ou pele de carneiro com o lado peludo para cobrir a sola de suas alpargatas, para disfarçar o rastro. Andavam para trás, fazendo pensar que tinham desaparecidos no ar.

Na verdade, a chave básica do sucesso era simples. Geralmente, preferia correr e se esconder, em vez de enfrentar a polícia. Era um princípio de sobrevivência. A polícia

chamava de covarde - seu objetivo não era infrentar a polícia em campo aberto, dada a desigualdade de forças.

4.10 - Investidas no Rio Grande do Norte na Época de Lampião - 1927

A conjuntura político-econômico e social do Rn - década de 20

A década de vinte trouxe modificações na vida pública estadual, através de mudanças na direção do Partido Republicano do Rio Grande do Norte e das lideranças locais.

Em 1920, assumiu o comando do governo no Rio Grande do Norte, o Sr. Antônio José de Melo e Souza.

Interessado pelos problemas educacionais, criou a Escola Normal de Mossoró, a Faculdade de Farmácia de Natal, a Diretoria Geral de Agricultura e Obras Públicas e o primeiro Grupo Escolares em Natal, que recebeu o nome de Augusto Severo. Nas suas mensagens ao Poder Legislativo, tratou e executou medidas visando solucionar o problema agrário, educacional e de saúde pública.

Na convenção do Partido Estadual, foi indicado José Augusto Bezerra de Medeiros para o período 1924/ 28, numa chapa conciliatória, em que a oposição indicava o candidato a vice-governador, Augusto Leopoldo Raposo da Câmara.

José Augusto foi o primeiro representante de uma nova oligarquia ou grupo de dominação do poder. Trouxe um plano de reformas gerais para o Estado modificando todas as repartições públicas. A sua linha política difundia os interesses nacionais, implicando na reorientação da política agrícola, mais especificamente na defesa da cultura do algodão. E com essa finalidade, o setor público federal intervém com seu apoio à agricultura estadual.

Tendo sido 1924, o ano das enchentes, detreminando a destruição na agricultura, os prejuízos foram uma série de consequência à economia privada. As inundações provocaram a morte de muitos animais, destruíram quase toda produção agrícola, arrastando os depósitos de sal em Areia Branca e Macau e, acorrentando uma enorme perda para as rendas do Estado.

As estradas de ferro foram danificadas, forçando a suspensão do tráfego e o governo Federal não pôde ou não quis atender aos apelos estaduais, em mais essa emergência.

O socorro às populações que as enchentes prejudicaram, reconstruções e reajustamentos, partiu e foi suportado exclusivamente pelo tesouro de Estado e pequenas iniciativas particulares.

No mesmo ano de 1924, estourou a Revolução Paulista. Foi uma das movimentações mais Típicas do Tenentismo.

Como decorrência da Revolução de 1924, surgiu no Rio Grande do Sul, as tropas do Capitão Luiz Carlos Preste. Quando se uniram à coluna Paulista, formaram um novo destacamento revolucionário, a Coluna Preste, que, por quase três anos, percorreu o interior do Brasil. Adotando táticas de guerrilha, pretendia obter a adesão popular para o movimento, que tinha como objetivo a punição dos políticos corruptos, reformas sociais e econômicas e reformas de estrutura. Porém contentava-se com reformas políticas de cunho liberal, o que facilitava sua aproximação com as oligarquias dissidentes, como veio a ocorrer em 1930.

Em 1926 a coluna Preste passou no Ceará em direção do Rio Grande do Norte, assaltando as vilas de São Miguel, de Pau dos Ferros e Luís Gomes, e sem resistência seguiu para Paraíba.

Lampião, o Rei do Cangaço, foi convidado pelo Padre Cícero Romão Baptista (o famoso Padroeiro de Nordeste) e por Floro Bartolomeu (Deputado Federal, de Juazeiro-CE), a auxiliar na expulsão da Coluna Preste, que havia penetrado no Nordeste. O Cangaceiro atendeu ao chamado e recebeu do Padre Cícero a potente de Capitão, armas e munições.

Lampião revoltado pelo arrependimento de Padre Cícero de ter negado seu apoio, depois das críticas recebidas pela imprensa nacional, por ter dado privilégio no Exército do Batalão Patriótico e pelo não aceitação da polícia de Permabuco de não reconhecer a potente de Capitão, o mesmo não atacou a coluna

Esta invasão da Coluna Preste ao Rio Grande do Norte só veio ocorrer em 1926, trazendo mais perdas para o Estado, já tão prejudicado no seu desenvolvimento.

Em 1927, o Governador do Estado, Sr. José Augusto Bezerra de Medeiros, recebia a toda hora telegramas de sertanejos aflitos com a insegurança, que reinava no sertão. Porém, a crise econômica pelo qual o Estado estava passando, o deixava em uma situação crítica. O funcionalismo estava praticamente sem recursos e nenhum auxílio advinha dos poderes federais, alheios às necessidades do Nordeste.

Mesmo assim, o Governador tomam enérgicas providências para repelir os malfeitores. Através do Chefe de polícia Benício Filho, mandou forças para algumas cidades interioranas, tentando tranquilizar as populações ameaçadas.

Grupos que se juntaram à Lampião

Desde que Lampião e seu bando atacou a cidade de Souza, no dia 27 de julho de 1824, muitos homens se juntaram ao grupo de Lampião, e entre estes, estava Chico Pereira e seus sequazes. Pereira, que tinha então 24 anos, era filho de um fazendeiro importante e homem de negócios, em um povoado na comarca de Souza, que tinha sido assassinado três anos antes. O homicídio era um daqueles casos típicos de rivalidade entre famílias, no sertão. Quando os acusados pelo crime foram soltos pelo Tribunal, Chico Pereira procurou fazer justiça por suas próprias mãos. Encontrando com um deles, matou-o a tiros. Foi, imediatamente, preso e julgado, mas, diante da solidariedade de uma grande parte do povo da cidade, foi absolvido pelo júri. Então, achando que não tinha sido feita justiça total, arranhou um grupo de sequazes armados, para ajudá-lo a completar a sua vingança.

O resultado por essa vingança que foi concretizado por Chico Pereira, o mesmo recebeu o convite de Lampião para participar do seu grupo e de atacar a cidade de Souza. Neste ataque Lampião, não tomou parte no assalto, porque estava recuperando de um ferimento de bala, mas o grupo foi chefiado por Antônio Ferreira, Levino Ferreira, Babino e Chico Pereira.

Um outro grupo que juntou-se a Lampião, foi o de Benevides ou Massilon Leite. Natural do Rio Grande do Norte, era elemento bastante conhecido na região. Suas raízes assentavam no distrito de Borges, município de União, no Ceará. Seus pais moravam no pé da serra de Luiz Gomes, não muito longe de Apodi, no RN. Era no pé da serra de Luiz Gomes que ele costumava abrigar-se de suas canseiras ou quando se sentia perseguido ou ameaçado pela polícia ou pelos seus inimigos.

Mais tarde, alguns componentes do grupo de Massilon foram reconhecidos como naturais do Estado potiguar, a saber: Zé Pequeno, Luiz Brilhante, entre outros que eram camponeses contratados para participarem dos incêndios e depredações e, não só com o objetivo de assaltar.

A primeira investida no Rio Grande do Norte: O ataque a Apodi e Itaú

O primeiro ataque de cangaceiros registrado pelas autoridades do Rio Grande do Norte ocorreu no dia 10 de maio de 1927, na cidade de Apodi. Neste ataque Lampião não tomou parte, o mesmo encontrava-se com seu bando, atacando a vila de Belém do Brejo da Cruz - PB, localizada na fronteira do Rio Grande do Norte.

As três da madrugada, a cidade de Apodi, foi invadida por um grupo de cangaceiros, chefiados por Chico Pereira, Sabino (homem de confiança de Lampião - o Primeiro Tenente), Massilan, fazendo parte Luis Brilhante, Zé Pequeno e outros que já vinham cometendo tropelios pelo Taveiro, Malhada Vermelha e tantos outros lugares.

Prenderam três soldados do destacamento e depois soltaram os presos. Roubaram quatro fuzis e munições; inutilizaram o aparelho telegráfico; arrombaram, saquearam e depois incendiaram duas casas comerciais, de Francisco Pinto e Luis Ferreira Leite, que ainda tiveram de pagar o resgate de sua prisão. Aprisionaram o Padre Benedito Alves, vigário da freguesia, que se metera a interceder pelos dois prisioneiros. Saquearam e incendiaram totalmente outro ponto comercial, pertencente à viúva do recém falecido Coronel Joaquim Józimo. O cabra chamado Cajazeira matou o comerciante Manoel Rodrigues e outras pessoas.

No outro dia, 11 de maio, atacaram Gavião, e ameaçaram invadir a cidade de Martins.

No dia, 12 de maio de 1927, atacaram à noite a cidade de Itaú. Depois Sabino, Massilan e seu grupo, partiram para o Ceará, para encontrar com o bando de Lampião e de Jararaca, no município cearense de Aurora, mais precisamente na Fazenda Ipueira de José Cardoso, parente de Joias Arruda, chefe municipal. Foi neste encontro e nesta Fazenda, que Lampião traçou o ambicioso plano de atacar a cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, incentivado por Massilan e Sabino.

A segunda investida no Rio Grande do Norte: ataque a cidade de Porto Alegre e Fazenda no município de Acari.

Enquanto Sabino e Massilan foram ao encontro de Lampião no Ceará, Chico Pereira e seus comparsas atacaram a cidade de Porto Alegre, no dia 14 de maio de 1927, retirando-se com seu bando para a Paraíba, de onde era natural e era muito protegido.

Logo após a retirada de Porto Alegre, o cangaceiro Chico Pereira atacou Belém, no município de São João do Rio do Peixe (hoje Antenor Navarro), na Paraíba. Seguindo em direção do Rio Grande do Norte, a região do Seridó ficou sob ameaça e previniu-se contra um possível ataque de Chico Pereira.

No Rio Grande do Norte, Chico Pereira e seu bando de salteadores, desta vez atacaram a Fazenda do Coronel Joaquim Paulino de Medeiros, no município de Acari, em maio de 1927.

Muitos fazendeiros falavam mesmo em abandonar suas propriedades, onde os seus lares e a vida e a honra de suas famílias estavam a mercê de bandidos, que a toda hora, podiam atravessar as fronteiras do Estado e agredi-los.

Chico Pereira foi preso em 1928, vítima de um suposto acidente de automóvel, quando ia sendo conduzido a julgamento, de Acari para Currais Novos. Houve acusações de que sua morte foi preparada pela polícia, e que, na verdade, o carro passou por cima depois que ele já estava morto.

Noticias jornalísticas da Paraíba (13.11.1928) e transcritas pelo "Diário de Pernambuco" (8.12.28) diziam: "Os sertões da Parahyba e Estados vizinhos libertaram-se de um dos mais terríveis salteadores e capro indefensável que tantos e tantos crimes de morte, extorsão, roubo e violência contra o pudor praticara nos últimos cinco anos".¹

Antes da Revolução de 1930, o Governador Juvenal Lamartine mandou fazer um inquérito por delegado especial sobre as mortes dos bandidos de Lampião no município de Mossoró, que ocorreram em 1927 (Jararaca e Cochete), e de Chico Pereira em Currais Novos, e 1928, a fim de que a verdade fôsse apurada com rigor.

Vitoriosa a revolução, foi aberto novo inquérito, desta vez para serem processados o presidente do Estado, o Chefe de polícia e os Oficiais e soldados como responsáveis pelas mortes dos facinoras. Mas prevaleceu aqueles que procuraram defender a propriedade, a vida e a honra ameaçada por salteadores perigosíssimos, e o inquérito não deu em nada.

¹ Frederico Bezerra Maciel, Lampião: seu tempo e seu reinado. 2. ed, Petrópolis-Rj: vozes, 1985. p-189.

A terceira investida no Rio Grande do Norte: A invasão à cidade de Mossoró

Mossoró o antigo arraial de Santa Luzia, estava situada entre a Chapada do Apodi e a margem esquerda do Rio do mesmo nome, em privilegiada posição geográfica. Era conhecida como centro regional e como uma das primeiras cidades do interior do Nordeste.

A cidade, segundo centro urbano do Rio Grande do Norte, pela importância e volume demográfico, está situada a 300 km de Natal, a 250 km de Fortaleza e a 36 do litoral.

Mossoró, foi a única cidade importante afastado do litoral, mas com seu porto marítimo, situada na cidade de Areia Branca, era sinal de riqueza e era escoada boa parte da grande produção de sal do Estado. Sendo também um grande centro exportador de algodão de fibra longa.

A cidade contava com três jornais diários, duas estações de telégrafos, estrada de ferro com ramal descendo até o mar e estradas de rodagem que encurtava a distância para outros centros.

A decisão de atacar Mossoró, a cidade mais importante do interior do Rio Grande do Norte, foi o seu maior empreendimento e o mais ambicioso, e por outro lado foi o mais prudente de sua vida.

Suas andanças por Pernambuco, Alagoas e Paraíba estavam limitadas, devido à pressão dos policiais desses Estados. Quanto ao Ceará, estava livre se sua violência, em vista de seu acordo informal com as autoridades de lá, e também, por causa do respeito que tinha pelo Padre Cícero. Restava, portanto, o Rio Grande do Norte.

Apareceram pelo menos duas versões diferentes, para explicar por que Lampião escolheu atacar a cidade de Mossoró.

Um delas, foi o convite feito por Sabino (o seu Primeiro-Tenente, um dos cangaceiros de maior confiança) e principalmente o convite e o incentivo de Massilan Leite, que tinha seu próprio bando e já tinha atacado o Rio Grande do Norte. Era considerado por Lampião como pessoa de confiança, autor de vinte e sete mortes.

A outra versão diz que o assalto foi arquitetado pelo Coronel Isaias Arruda, chefe político do Cariri, que há muito tempo vinha protegendo Lampião e outros cangaceiros.

Consta que, quando a proposta foi feita, Lampião recusou, alegando que a cidade era grande demais, e, para atacá-la, precisaria de um grupo muito maior do que o seu.

Arruda, então, ofereceu sua ajuda para que pudesse recrutar mais homens, e concordou em lhe fornecer armas e munições, além de prometer-lhe uma grande quantia de dinheiro. Para ele, uma ajuda desta espécie era de pequena monta, pois tinha excelentes contatos com pistoleiros, e os Batalhões Patrióticos tinham deixados em suas mãos uma grande quantidade de armas e munições. No entanto, não ficou claro se o dinheiro viria da pilhagem da cidade ou se o próprio Arruda o forneceria. De qualquer modo, a quantia seria acima de 100:000\$000.

Se foi atendendo ao convite de Massilan, ou o oferecimento de Issaias Arruda - o que parece mais provável - o certo é que Lampião preparou o ataque. Em Aurora, onde estava acampado há três semanas, recebeu uma grande quantidade de munição, equivalente a 35.000\$000.

No dia 8 de junho de 1927, Lampião e seus homens saíram de lá para a Paraíba, e começaram a avançar em direção ao norte. Não estavam se escondendo, pois foram vistos em diversos lugares na Paraíba, e, numa ocasião, tiveram uma pequena escaramuça com a polícia. Viajando rapidamente, a cavalo, os cangaceiros chegaram ao Rio Grande do Norte no dia seguinte.

Na manhã seguinte, 10 de junho, sexta-feira, penetraram no município potiguar de Luís Gomes. Passaram no Sítio Japão, dos pais de Massilan, encravada no sapé da serra. Neste município, investiram pela primeira vez, contra a Fazenda Nova, prendendo o seu proprietário, Joaquim Moreira da Silveira, cobrado pelo seu resgate vinte contos de réis, permanecendo preso no grupo por oito longos dias.

Às onze horas, apareceram na Fazenda Aroeira, uma das melhores propriedades da região. Destruíram tudo na fazenda, queimaram, quebraram e roubaram os cavalos do proprietário, que no momento estava ausente, o Coronel Losé Lopes. A esposa D. Maria José Lopes, de sessenta e três anos de idade, foi aprisionada, passando dezesseis dias como refém, exigindo pelo seu resgate trinta contos de réis. Nesta fazenda um cangaceiro matou um trabalhador, o seu José Silva.

Ainda no município de Luis Gomes, Sabino Gomes (o primeiro-Tenente de Lampião) comandando quinze saquazes, encontram com o tenente Napoleão de Carvalho

Agra, conduzindo em quatro carros, praças e civis armados, a cinco quilômetros da cidade de Vitória, que receberam, de surpresa, uma saraivada de balas.

No conflito, morreu um militar, o cangaceiro Coqueiro antes de matá-lo, apunhalou-o e decepou-lhe uma orelha. Do outro lado, Azulão foi morto, varado por uma bala no lado esquerdo do tórax, sendo sepultado à margem do riacho próximo.

Este encontro atrasou a marcha. Os cangaceiros cautelosos, pernoitaram pela primeira vez no Estado, numa casa abandonada, nas terras do Sítio Lages, de João Fernandes. A população da região telegrafavam para Mossoró e Natal, pedindo armas e forças policiais.

No dia 11 de junho, partem do Sítio Lages pela madrugada, assaltando as propriedades pelo caminho. Na Fazenda Poço de Pedra, prende o Sr. Francisco Germano da Silveira, retido por dez contos de réis. Deixando o município de Pau dos Ferros, penetraram o de Martins. Sempre roubando e saqueando as propriedades. Prosseguindo, chegam ao Sítio Morcego, atirando um cangaceiro nas costas do filho do proprietário Elpidio Raulino de Queiroz, quando fugia pela porta traseira da casa sede, vasando o pulmão direito. Na caminhada, encontraram o jovem Manoel Barreto Leite, que viajava a cavalo de sua propriedade Veneza à cidade de Martins, onde morava, foi preso, amarrado e conduzido como refém por cinquenta contos de réis, pelos cangaceiros.

Em seguida, rumaram ao povoado de Boa Esperança. No percurso, Sabino fez dois prisioneiros. Neste povoado (atual cidade de Antônio Martins), os cangaceiros, ameaçaram, açoitaram, torturaram, fizeram prisões, encendiam e depredaram as casas e as pessoas do lugarejo. Lampião apunhalou pelas costas o Sr. Vicente Lira, que conseguiu sobreviver. O casal Nunes de Aquino e esposa Rosimar Novais de Barros, tiveram seu estabelecimento comercial saqueado e suas prisões relaxadas, quando em um determinado momento ela falou que era da cidade de Floresta do Navio, de Pernambuco. Prenderam um pobre lavrador Augusto Nunes que depois é libertado.

Ainda no município de Martins no mesmo dia, à noite, os bandoleiros aproveitaram a escuridão, atentaram contra a honra das famílias, roubaram, serviciaram e provocaram incêndios.

No Sítio Cachoeirinha, tomaram um cavalo e objetos de Francisco Libânio no valor de quatrocentos mil réis. No lugar Mambaça, fizeram depredações. A fazenda Cacimba da Vaca foi a mais atingida. No Sítio Serrote, Egídio Dias da Cunha, um dos filhos do proprietário da Fazenda Cacimba da Vaca, foi preso, amarrado e conduzido por dez contos de

réis. Prosseguindo, chegaram cansados às imediações do atual açude de Lucrecia, no lugar Várzea Grande. Foi o segundo pernoite no Estado. haviam cavalgado três léguas, de Boa Esperança.

Em Várzea Grande, o prisioneiro Egidio Dias da Cunha, proprietário do Sítio Serrote, um dos filhos do proprietário da Fazenda Cacimba da Vaca, conseguiu a maior proeza de sua vida. Foi o único prisioneiro de Lampião que conseguiu fugir do bando. De madrugada os cangaceiros emboscaram quinze rapazes do município de Martins, no Sítio Caboré, próximo de Várzea Grande, sendo mortos, e multilados três dos quinze rapazes.

Na madrugada do dia 12 de junho de 1927, passaram pela Fazenda Jerema da Senhora Maria Claudina de Oliveira Costa, que estava ausente nesta ocasião, quando os cangaceiros passaram e quatro horas após, avistaram o povoado de Gavião, atual Umarizal.

Lampião queria atacar o povoado de Gavião, quando Massilan interveio, dizendo que já tinha passado lá um mês atrás, sem tirar vantagens. Enquanto argumentava com Lampião, Massilan vê seu conhecido Francisco Germano entre os sequestrados. Fala por ele a Sabino e consegue libertá-lo. Depois alcançaram as Fazendas Campos e Arção.

Um levante feito pelas autoridades depois, constataram que a atuação dos cangaceiros no município de Serra de Martins, foi o município que mais sofreu em danos materiais e pessoais pelos cangaceiros: invadiram doze propriedades, dois lugares e um povoado, sem encontrar a menor repressão.

Dali por diante estavam no Chapadão do Apodi, no município do mesmo nome. A ordem de Sabino Gomes era tocar para frente. Passaram pelas Fazendas de Xique-xique e Apanha Peixe e pararam na Fazenda Santana.

Na Fazenda Santana, os cangaceiros prenderam o Sr. Antônio Gurgel, destacada figura nos meios políticos e sociais do Estado e seus dois irmãos José e Fausto.

Lampião mandou Fausto a cidade de Mossoró buscar uma quantia de vinte e um contos de réis, equivalente ao resgate dos três irmãos. Fausto foi o portador de um bilhete feito por Antônio Gurgel ao Sr. Jaime, pessoa influente da cidade de Mossoró, no intuito de Jaime conseguir esse dinheiro.

Ao chegar em Mossoró, Fausto entregou o bilhete ao Prefeito de Mossoró, Rodolfo Fernandes, contando a posição da quadrilha. Essa notícia dos cangaceiros bem próxima do povoado de São Sebastião, logo espalhou, levando pânico a população.

Da Fazenda Santaem grupo comandado por Massilan foram atacar a cidade de Apodi. Quando perceberam a cidade guarnecida por soldados e paisanos, comandados pelo Tenente Juventino Cabral, os cabras retrocederam e foram juntar-se ao grosso do bando, no povoado de São Sebastião.

Lampião, saiu da Fazenda com o outro grupo, para o povoado de São Se bastião. O refém Manoel Barreto Leite (proprietário da Fazenda Veneza, município de martins) cavalgava ao lado de Lampião, quando avistaram um caboclo caminhando próximo a um casebre. Virgulino parou o animal e falou ao rude camponês, antes de chegarem ao povoado de São Sebastião:

- Vá examiná o que tá dentro da cabana.
- Não vou, não sinhô.
- Você sabe com quem tá falando?
- Num sei, não sinhô.
- Você tá falando cum Lampião! vá fazê o que mandei.
- Num vou, não sinhô.

Súbito, Lampião fuzilou-o com um tiro de mosquetão. Desmonta e transpassando-o com o punhal, diz a Manoel Barreto:

- Esse morreu porque quis! morreu barato!

E como se nada houvesse acontecido, limpou a lâmina assassina nas vestes do morto. Montou e prosseguiu a caminhada, indiferente ao covarde crime praticado.

Antes de chegarem ao povoado de São Sebastião, os cangaceiros tocaram fogo no comboio de algodão do Sr. Manoel Alves de Medeiros, chamado de "Manoel Tem-Tem", que certa vez, na Paraíba, negara-se a atender a um bilhete de Sabino, pedindo dinheiro.

Depois de Pregmácio, o lugar que tocaram fogo no comboio de algodão, saíram para o povoado de São Sebastião. Ao se aproximarem do povoado, o cangaceiro Moreno, matou um rapaz, indefeso e surdo-mudo. Ao anoitecer chegaram em São Sebastião, onde a maioria da população abandonou o povoado.

Na estação, somente um guarda aleijado e um garoto permaneceu. O meninote foi olhar o quebra-quebra, levou uma tremenda surra dos cangaceiros. O telefone da estação tocou e um bandido atendeu o chamado de Mossoró.

"Quem fala é Aristides? - perguntou o diretor da Estação de Ferro.

Não! é Lampião! vocês vão ver o estrago que vou fazer em Mossoró!"

Não houve resistência em São Sebastião, os bandidos, iniciaram o vandalismo. Arrebentaram móveis e destruíram os meios de comunicação telefônica. Arrombaram casas, armazens, queimaram casas comerciais, enfim, tudo que viam pela frente. A palavra de ordem era matar e roubar.

Massilon ao chegar do frustrado ataque a Apodi, encontrou o povoado destruído. Jararaca (Jararaca - seu nome verdadeiro era José Leite - era o delinqüente mais procurado do sertão das ribeiras do Moxotó e do Pajeu, que veio se juntar com o seu bando ao bando de Lampião para atacar a cidade de Mossoró) discutiu com Massilon por causa do fracasso ataque de Apodi, principalmente do tempo perdido, quando Lampião interviu, evitando o desfecho sangrento.

Pela madrugada, Marmaço reuniu o pessoal a toque de corneta. Jararaca como seu bando saíram primeiro.

No dia 12 de junho de 1927, o Prefeito Rodolfo Fernandes, não alimentava mais esperanças de receber ajuda da capital, nessa emergência, pedia a união dos mossoroenses. Convocou uma sessão extraordinária no salão do Poço Municipal. compareceram comerciantes, autoridades, pessoas importantes e representantes da imprensa. Falou da necessidade de arrecadar dinheiro, no comércio, a fim de adquirir o armamento necessário à defesa da cidade e que a cidade de Mossoró contavam apenas com vinte e dois soldados, insuficiente aos serviços regulares e desses, só poderiam dispor de uma parte, devido ao rodízio para descanso, e que necessitavam de voluntários civis para a defesa de Mossoró.

Depois desta reunião, o Delegado, Tenente Laurentino de Moraes, sempre em contato com o Governo, recebendo instruções para defender as repartições públicas federais e estaduais e cooperou na defesa da cidade. À tarde uma multidão de pessoas foi a casa do Prefeito manifestando decidido apoio a Rodolfo Fernandes. O militar assumiu o comando dos lugares estratégicos, armas foram distribuídas e o Mossoró está em pé de guerra, esperando os cangaceiros. Motivados pela notícia da aproximação dos celerados, o medo apossou-se em todos. Surpreendente massa humana deslocava-se pelas ruas, na incerteza de conseguir transporte e fugirem para Natal, Tibau e outras cidades e lugares distantes de Mossoró.

Quando o bando de Lampião, chefiado pelo próprio, trazendo Sobino como o seu Primeiro Tenente, Massilon Leito e Jararaca, seus principais sub-chefes de confiança e quando transpôs a linha divisória do município de Mossoró com Apodi, a cidade já tinha tornado uma

verdadeira praça de guerra e quando o grupo saiu do Povoado de São Sebastião, a primeira povoação do município de Mossoró, muitas famílias, principalmente, aquelas que dispunham de meios próprios de transportes, retiraram-se. Alguns retiraram-se da cidade de trem para Areia Branca, cedida gratuitamente às populações carentes. Enquanto isso, pelos outros pontos da cidade, o êxodo de pessoas, entre crianças, velhos, doentes e mulheres, utilizavam todos os tipos de veículos para viagens distantes.

A caravana, após deixar o Povoado de São Sebastião na madrugada do dia 13 de junho de 1927, chegaram com léguas e meia ao Sítio Cajueiro, levando o Sr. Pedro José da Silveira como refém por três dias. Foram assaltados os sítios Canudos, Ipueira, Camurim, Ausente, Camurupim e Picado (aprisionando o Sr. Azarias Januário).

Depois Lampião e o bando chegaram a Passagem da Oiticica, local escolhido para o último acampamento, antes do assalto à Mossoró, distante uma légua da cidade, que já tinha sido inspecionado por Jararaca, Moreno e Colchete. Sentinelas foram espalhados em torno do acampamento. Patrulhas vigiavam a estrada. O plano do assalto fora traçado.

Nesta propriedade (Passagem da Oiticica), Lampião fez o Coronel Antônio Gurgel escrever uma carta (a primeira) ao Prefeito Rodolfo Fernandes, pedindo quatrocentos contos de réis (400.000\$00), para não atacar a cidade. Nesta mesma correspondência, Antônio Gurgel, também pediu ao Sr. Jaime (Sr. Jaime foi a pessoa que Antônio Gurgel escreveu um bilhete pedindo que conseguisse o seu resgate e do seus irmãos, quando os mesmos foram aprisionados pelos cangaceiros na Fazenda Santana, no município de Apodi. Esse bilhete foi entregue por Fausto, um dos irmãos de Gurgel ao Prefeito Rodolfo Fernandes quando o bando estavam já bem próximo do povoado de São Sebastião) o valor de seu resgate, de vinte e um contos de réis.

Pedro José da Silveira um dos reféns de Lampião (aprisionado no Sítio Cajueiro), sem ter portador para conseguir o seu resgate de dez contos de réis, entendeu-se com Virgulino, comprometendo levar a correspondência ao Prefeito de Mossoró, sob ameaça de Lampião matar a sua família, na sua propriedade, caso ele fugisse.

Por volta das sete da manhã, Pedro José chegou à casa do Prefeito Rodolfo Fernandes, entregando o bilhete de Lampião para não atacar Mossoró. Na cidade Pedro encontrou o seu cunhado Sebastião, que foi a Mossoró buscar o seu resgate, quando foi aprisionado no sítio Cajueiro pelos cangaceiros. Salustiano tinha sido libertado por Lampião com esse objetivo e com medo de voltar ao encontro dos cangaceiros, entregou o resgate de

Pedro a outro portador. Pedro também conseguiu com os comerciantes o resgate do seu vizinho Azarias Januário, do Sítio Picada, no valor de três contos e quinhentos réis.

Pedro volta para onde estava Lampião, trazendo o resgate de Azarias e a resposta da correspondência do Prefeito, "dizendo que Mossoró tem dois mil homens lhe esperando, e que fosse buscar o dinheiro!)"

Neste momento, Virgulino estava preocupado, sem saber o que se passava na cidade. A luta a ser deflagrada seria diferente, fugia à tática das guerrilhas nas caatingas. Quando de repente chegou, no Sítio de Passagem de Oiticica, de seu Miguel Santino, o pernambucano de Alagoadas, o Sr. Luís Joaquim de Siqueira, vulgo "Formiga", que trabalhava em Mossoró, e visitava as fazendas do município, matando formigas nas plantações.

Percebendo a realidade, Formiga logo que chegou na propriedade que estava o bando de cangaceiros, foi logo pedindo garantia de vida a Lampião, tendo o cangaceiro chefe, perguntando se ele vinha de Mossoró. Respondendo o desmantelado visitante que sim.

- "Como está a cidade?"

- "...bem guardade, esperando um grupo de cangaceiros."

- "Quantos homens têm com armas?"

- "Uns duzentos, no mínimo."

Lampião percebendo que os mossoroenses estavam pronta para a briga, voltou para Massilon, analisou o plano que foi traçado na Fazenda Aurara no Caará, que era de prosseguir a marcha pela estrada, à direita do rio, em parte, por Jararaca, e entrar na cidade pela barragem. Depois das informações do Sr. Formiga o plano teve que ser refeito: O paredão divisor das ágras estavam guarnecido por civis e militares. A penetração viável seria pelo Alto da Conceição. Portanto, precisavam atravessar o rio, ali mesmo, e, três quilômetros adianta, acompar no lugar "seco", onde deixariam os animais. Depois, andariam mais dois para chegaram à cidade. Antes de cruzarem as trilhas da estrada de ferro distante do Alto da Conceição, encontrariam um piquete, numa caieira, fácil de ser dominado.

O astuto Virgulino contrariado com o novo trajeto. reclama de Massilon: "Você me disse que entrava em Mossoró com dez homens. A cidade tinha poucos soldados e os civis estavam desarmados. Mas o home tá disposta a briga! Não estou gostando disso. Nada tá dando certo!

• Fiz uma promessa de não atacar cidade, cuja padroeira fossa Santa Luzia. Se soubesse antes, não teria vindo, não teria passado nem por perto.

Massilon censura-o:

- Você perdeu tempo, tomando dinheiro e cavalos dos pobres, quando acaba não quer atacar a cidade do dinheiro. É sinal de fraqueza. Ao invés de pernoitar em São Sebastião, deveria ter proseguido até Mossoró.

Virgulino não se alterou com a ousadia do comparsa, mesmo ao chamá-lo de fraco. Permaneceu pensativo.

Jararaca, conturbado pelo álcool, quebra o silêncio:

- Negrada de Pajeú não tem medo de careta!

- Como é Capitão, vamos mesmo? A coisa é grossa! Está ruim! - Pergunta Sabino, apreensivo e irresoluto.

Lampião possuía qualidades de líder. Sabia animar seus comandados, no momento preciso. Depois respondeu:

- Tenente, eu vim foi para atacar Mossoró e quem tivé com medo, volte! Eu vou brigá e tô disposto.

A carta de Gurgel não intimidara Rodolfo Fernandes. Lampião entrou em casa do Sr. Miguel Sabino, na propriedade de Passagem de Oiticica, com Formiga. Retirou do bolso um pedaço de papel, encimado com seu timbre. Tomou do lápis e redigiu o bilhete. Julgava, assim, conseguir o intento. Escreveu com dificuldade, numa péssima caligrafia:

Cel. Rodolfo

Estando Eu até aqui pretendo ~~ah~~, Já foi um aviso. ahi pi o sinhoris, si por acauso resolver, mi a mandar será a importância que aqui nos pedi, Eu envito ali Entrada ahi porem não vindo esta importância eu entrarei, ate ahi penço qui adeus quere, eu entro; e vai aver muito estrago por isto si vir o drº. eu não entro, ahi mas nos responte logo.

Cap^m Lampião.

Lampião entregou o bilhete ao Sr. Formiga e mandou também um recado ao Prefeito Rodolfo Fernandes.

- "Se não for enviada a importância até às duas da tarde, entrarei na cidade, fazendo depredações de toda sorte".

Formiga mandou num bom cavalo e desapareceu. Sabino preocupado com uma esboscada durante o trajeto ao lugar chamado Laco. a dois quilômetros de Mossoró, escolheu quarenta homens para a coluna da vanguarda e Lampião seguiu com outro bando na retaguarda por precaução. Pedro José da Silveira, apesar de ter pago o resgate, continuava

preso. Lampião exigiu-lhe que o levasse à trincheira, antes da linha ferroviária, onde lhe daria liberdade. Os cangaceiros seguiram para o "Saco".

Em Mossoró, Formiga entregou o bilhete ao Prefeito Rodolfo Fernandes, que leu para o pessoal em sua casa. Ali se encontravam comerciantes e trabalhadores - gente amiga. O Prefeito, depois de ler declarou que lutaria, mesmo que fosse com arma branca, por causa de pouca munição e por este motivo não exigira sacrifício, nem teria queixas de quem deixassem as trincheiras.

Neste momento, Francisco Calixto de Medeiros, um mossoroense que se encontrava na casa do Prefeito, rompe o silêncio e grita:

- "O dinheiro está aqui! Lampião que venha buscar! Viva Rodolfo Fernandes! Viva o nosso Prefeito! Viva Mossoró!"

O Sr. Formiga atrasou a sua volta por mais de meia hora. Por fim, entregou a resposta do Prefeito de Mossoró à Lampião:

"Virgulino. Lampião.

Recebi o seu bilhete e respondo-lhe dizendo que não tenho a importância que pediu e nem também o comércio. O Banco está fechado, tendo os funcionários se retirado daqui. Estamos dispostos a acarretar com tudo que o Sr. queira fazer contra nós. A cidade acha-se, firmemente, inabalável na sua defesa, confiando na mesma.

a. Rodolfo Fernandes"

Prefeito, 13.06.1927.

Os bandidos continuavam a marcha em direção à Mossoró, atravessaram o rio devagar, quando aparece o Sr. Formiga, mais ou menos às duas e meia da tarde, o grupo todo fizeram alto. Formiga entregou o bilhete ao Capitão, acrescentou que o Prefeito não mandou o dinheiro, e a cidade estava preparada para brigar".

Lampião, aparentando muita raiva, após a leitura do bilhete, disse: "Eu lá faço conta dessa porcaria. Seguimos".

Os cangaceiros aprisionaram o Sr. Formiga, entregando-o um rifle sem munição e incorporando-o aos demais em frente do bando, com o refém Gurgel seguindo à frente, simulando-os serem cangaceiros para alguma eventualidade seriam os primeiros que morreriam.

De repente os cangaceiros avistaram o local denominado "Saco", escolhido para o desmonte. Região praticamente deserta, cortada pela estrada real, que descia do alto sertão. Sobressaíam, ao lado do caminho, duas choupanas, separadas por uma grande quixabeira.

Lampião entregou a montaria ao jovem Domingos Camilo, morador do primeiro casebre, e perguntou ao pobre homem:

- "Você tá com medo?"

- " Não tenho de quê".

Vendo-o maltrapilho, Lampião falou:

- "Tem conta do burro. Na volta, trago uma peça de fazenda pra você."

Domingos guardou a carona e viu Sabino Gomes trocar de roupa pela farda da polícia. Os cangaceiros deixaram parte dos animais dentro do roçado e do lado de fora amarrado à cerca. Os reféns ocuparam as duas choupanas.

Sabino e Jararaca acertaram a maneira de dominar a fortificação do Prefeito. Decidiram levar os reféns à frente para forçar as autoridades a negociar. Virgulino discordou, não queria arriscar presos tão valiosos. Optou Lampião de levar os prisioneiros da propriedade de Passagem de Oiticica. Jararaca e Sabino afastaram-se aborrecidos. A cada momento o plano do ataque sofria modificações. O Capitão cismado pelo tamanho da cidade quando viu, dialogou com o prisioneiro Capitão Antônio Gurgel: "cidade de mais de uma igreja não é para ser atacada por cangaceiros, mas seria decepcionante vir de tão longe e não tentar o assalto".

Os cangaceiros saíram, a pé, do lugar "Saco", para assaltar Mossoró, tinham dois quilômetros à frente. Sabino comandava as duas colunas da vanguarda! A primeira, composta de elementos escolhidos, chefiados por Jararaca, e a segunda por Massilon. A terceira, na retaguarda, conduzida pelo Capitão Virgulino, mantinha certa distância dos demais.

No intuito de ludibriar o adversário, colocaram à frente, os prisioneiros de Passagem de Oiticica, servindo de alvo aos mossoroenses, desconhecedores da covarde estratégia. Cada um levaram um rifle descarregado. Em menos de meia hora, cobriram o percurso, logo em seguida chegaram no lugar conhecido como Coieiros, e para surpresa dos cangaceiros, não tinham mais nenhum neste local, que ficava ao lado da estrada, antes da ponte.

O Capitão recebeu a notícia com alegria. Voltou para o refém Pedro José da Silveira (aprisionado no Sítio Cajueiro, e foi o homem que levou a primeira correspondência de Lampião, escrita pelo Capitão Antônio Gurgel e Dona Maria ao Prefeito de Mossoró, Rodolfo Fernandes, pedindo 400.000\$00, para não atacar a cidade), e disse:

- " Agora você pode ir.
- Como vou passar por seus homens?
- Não tenha medo, eles não vão fazer nada com você.

Pedro notando a disposição do seu detentor, faz um pedido:

- Lampião, devolva meus cavalos.
- Sim, fique sossegado".

Cautelosos, os cabras da vanguarda cruzaram a linha do trem, viraram a ponte à direita, atingindo um aglomerado de casas humildes, próximo da capelinha de Nossa Senhora da Conceição. Neste momento estavam no bairro do Alto da Conceição, a quilômetro e meio da cidade.

Os primeiros aproveitaram um instante de confusão e ganharam o mato, fugindo em direção à ponte. Um deles, Sancho Amaro, jogou fora o rifle e entrou no rio gritando por Amadeu:

- "Socorro, m~~a~~ acuda - não sei nada! Socorro!"

Os gritos dramáticos serviam para aliviar a tensão dos fugitivos, gerando sorrisos de bom humor. Seus companheiros sabiam que o rio dava passagem. Os bandidos, preocupados com o desempenho do ataque a Mossoró, não puderam evitar a fuga.

Neste momento na cidade, o Reverendo, confiante na vitória, despediu-se, ofertando uma lembrança da Santa padroeira ao Prefeito.

"Rodolfo, tome esta medalha de Santa Luzia. Lampião não vai entrar na cidade! Uma força superior me diz que ela será derrotado!"

O cangaceiro Sabino Gomes, caminhou pela calçada, indo até ao patamar da igreja e, numa demonstração de sangue frio e indizível audácia, dirigiu-se quase ao meio da Avenida Alberto Maranhão, voltando para a barricada da casa do Prefeito a uns sessenta passos.

Eram quatro horas da tarde, do dia 13 de junho de 1927, quando começou o combate. Mossoró soube resistir. Toda a sua população a começar pelo Prefeito Coronel Rodolfo Fernandes, até o mais humilde filho do povo, em conjugação com a força pública, enfrentaram com heroísmo os cangaceiros.

No final do assalto, a tarde, do dia 13 de junho de 1927, Lampião, batido em todas as frentes, do seu batalhão de cangaceiros, sem conseguir segurar um único êxito, fugia em desparada, a dois passos da fortuna, levando com galardão, a maior derrota. Perderam dois companheiros, seis feridos e dois em estado desesperador. Enquanto do lado do Prefeito Rodolfo Fernandes, todos os mossoroenses que tomaram parte da grande resistência, estavam intactos, sem nenhum ferimento.

Colchete revelou uma audácia formidável, procurando atacar a trincheira do Cel. Rodolfo Fernandes, o Prefeito de Mossoró. Contando a toda "Mulher Rendeira", ao mesmo tempo que dirigia improperios, como demais bandidos que o auxiliavam na terrível empreitada - uma bala varou seu peito, morrendo na hora.

Jararaca tentou tirar o fuzil de Colchete, já morto, quando foi atingido, por uma saraivada de balas, procedente da Torre de São Vicente - trincheira do Prefeito e de um tijolo jogado do alto da torre da Igreja. Fez supremo esforço! Gritou por auxílio:

- "Sabino, estou ferido! Moreno! Me ajude, Sabino!"

Sabino e seus companheiros fugiu, sem se preocuparem com as súplicas do companheiro.

Jararaca fugiu, recebendo outro balaço na perna direita. Fugindo em direção à Estrada de Ferro, próximo a Estação foi capturado e preso, no dia seguinte foi interrogado, entrevistado e depois enterrado vivo, pelos policiais de Mossoró, no dia 19 de junho de 1927.

Lampião, lamentou a morte dos seus dois cabras de confiança e fugiu com os seus cangaceiros para o lugar chamado Saco, onde estavam os cavalos, os prisioneiros e os quatro cangaceiros que ficaram dando guarda aos presos.

Depois do ocorrido em Mossoró, o Governador José Augusto Bezerra de Medeiros, por intermédio do Chefe de Polícia do Estado, mandou que se organizasse, com urgência, uma tropa, sob o comando de um oficial, a fim de seguir para Mossoró. Partiram de trem, conduzindo oito automóveis, para prosseguimento da viagem da estação terminal, em Angicos.

O Governador João Suassuna, da Paraíba, mandou duas volantes, que penetraram pelo oeste do Estado Potiguar, no encalço dos cangaceiros. Cavalgaram pressuradas em alcança-los. Saíram com atraso, mas ganharam terreno. A do Tenente João Costa, com trinta e dois homens, entrou em Mossoró, terça-feira pela madrugada, 12 horas depois da luta. A

segunda, comandada por Quelé, com quarenta e cinco praças, incluindo sete civis, chegou no fim da tarde.

Também a tropa norte-riograndense, sediada em Portalegre, comandada pelo Tenente Juventino Cabral, vinha na pista dos malfeitores. Alcançou a cidade, terça-feira pela manhã, juntamente, com a primeira volante paraibana.

Com receio de ser alcançado pela retaguarda, por essas forças, Lampião atacou Mossoró durante o dia.

A força potiguar foi destacada para a Cidade de Apodi. O Tenente Costa seguiu, no outro dia, à Fazenda Solidão, e Quelé, horas depois, tomou o mesmo rumo, continuando a perseguição.

Concluimos, portanto, que a cidade de Mossoró, tendo à frente o Prefeito Rodolfo Fernandes, pode-se dizer, sem força pública, apenas com vinte e dois soldados e mais população civis, defenderam heróica e milagrosamente a cidade.¹

¹ Raul Fernandes, A marcha de Lampião: assalto à Mossoró: 3 ed. Natal: UFRN, Universitária, 1985, p.25-213.

4.11 - A Fuga de Lampião de Mossoró

Os cangaceiros batidos, em Mossoró, chegaram ao Saco. Entraram nas choupanas de Domingos Camilo e Joaquim Soares, conduzido os feridos solicitaram a Camilo água e ajuda. Chumbinho cuidava do ferimento nas costelas. Virgínio, sentado num tamborete, passava uma atadura na coxa, atingida superficialmente. Ás-de-ouro, banhado em sangue, comprimia o nariz e pedia uma bacia d'água para lavar o rosto. A refém, Maria José, retirou do vestido uma tira, que serviu de tipóia a um dos cabras. Menino de ouro chegou em estado grave, com o ventre perfurado a bala. Deitaram-no em cima da mesa. Certo do fim, gritava sem parar.

- "Vou morrer, mas meu consolo é que gastei toda munição na casa do Prefeito - 400 cartuchos!". A todo instante, implorava água salgada a Domingos Camilo, sem conseguir matar a sede. Os companheiros faziam-lhe curativos com tintura de iodo. Colocavam emplastros de algodão embebidos em sal moura e pimenta malagueta triturada. Ataram-lhe uma toalha no ventre, enquanto gritava - Valha-me Nossa Senhora! Os amigos, porém, procuravam animá-lo.

Prisioneiros e reféns assistiam estarecidos à rude terapêutica de urgência. O último a chegar foi Lampião, seguido de cinco comparsas. Entrou na sala do casebre, muito afobado e, sem se preocupar com os feridos, exclamou:

- Toca pra frente! Quem ficou, ficou! Vamos! Vamos! E, foi saindo.

Às seis e meia da noite, do dia 13 de junho de 1927, o bando partiu em fuga desordenada, juntamente com os reféns, para a cidade de Limoeiro do Norte, no Ceará, no dia 16/06/1927, marcando portanto, o fim do movimento do cangaço no Rio Grande do Norte.

Saindo de Limoeiro, Lampião dirigiu-se, com o seu bando, para o sul do Jaguaribe, em direção a Ourora, provavelmente na esperança de encontrar o seu maior protetor, o Coronel Arruda, antes de partir para Pernambuco. Nesta ocasião, os cangaceiros estavam sendo caçados pelas polícias do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, que começaram a persegui-los, por causa das constantes denúncias que o governo do Ceará recebeu devido as proteções que vinham dando à Lampião.

Lampião teve que lutar contra polícias antes de chegar em Ourora, no dia 20 de junho de 1927 e no dia seguinte, na batalha de Macambira, as tropas do Ceará mais uma vez, deram proteção aos cangaceiros.

Lampião, ainda estava com cinco reféns: Joaquim Moreira, D. Maria José Lopes, Manoel Barreto Leite, Antônio Gurgel e Manoel Freire.

Manoel Freire, foi solto na trilha entre as Fazendas Veneza e Lagoa do Rocha, depois que Lampião recebeu o resgate, de dez contos de réis, no município do Ceará; Manoel Barreto foi libertado graças à coleta feita pelo Vigário de Limoeiro, dois contos de réis; Joaquim Moreira foi solto no dia 18 de junho de 1927, na Fazenda Arara, depois de ser pago o seu resgate de vinte contos de réis; no dia 25 de junho, uma força do Ceará, conseguiu a liberdade de Antônio Gurgel e de Dona Maria José, depois de um forte tiroteio, no combate no Riacho da Fortuna, no Ceará.

Nos primeiros dias de julho, os fúgitivos conseguiram chegar a Aurora, nas terras do Coronel Arruda, onde os cangaceiros esperavam encontrar proteção e sossego. Pelo contrário, foram traídos. Essa traição foi explicada porque Lampião fracassou um Mossoró, possivelmente Arruda ajudou a planejar a expedição que atacou a cidade.

Arruda tentou envenenar Lampião. Este como sempre cauteloso mandou alguns cangaceiros comer a comida que o Cel. serviu no jantar, enquanto Lampião ficou escondido no mato. Quando os cangaceiros perceberam a traição, apareceram os soldados, comandados pelo

Major Moises do Ceará. Lampião tocou fogo no mato ao redor da casa e todos os cangaceiros fugiram.

No município de Aurora, generalizou-se o desânimo do grupo. Vários desertaram, muitos foram mortos, presos ou frequentemente, entregavam-se às autoridades.

Enquanto Lampião e Sabino prosseguiram rumo sul, Mossilon despediu-se de Lampião, na Fazenda Letrado, com Pinga-Fogo e outro cabra, percorrendo o Ceará, antes de fugir para o Maranhão.

Em março de 1928, Sabino, o primeiro-tenente de Lampião, morreu em luta com a polícia, na fronteira de Pernambuco com a Paraíba. Em Pernambuco, Lampião chegou com 30 homens, dividiu o grupo chegando na zona do Pajeú com 14 cangaceiros.

Ali terminou a marcha na mais extravagantes das aventuras. No Rio Grande do Norte, apenas um cangaceiro cumpriu pena na cadeia de Mossoró e sobreviveu, Asa Branca.

Entre os eliminados em combate desde a penetração no Rio Grande do Norte até à chegada em fuga ao Pajeú, foram: Azulão, Colchete, Meninoi de ouro, Cordeiro, Jararaca, Marmaço, Casca Grossa, Gavião, Mergulhão, Bandido, Jatobá, Vila Nova, João Vinte e Dois, Lua Branca, Coqueiro, Capuxu, Cansação, Bolão, Morreco e Ferrugem.

4.12 - Lampião na Bahia

No Ceará, na Paraíba, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, o banditismo profissional não encontrou mais clima favorável.

Lampião decidiu abandonar a área ao norte do Rio São Francisco, acompanhado por seu irmão Ezequiel, conhecido como Ponta Fina, por seu cunhado Virgino, apelidado de Moderno e mais Luís Pedro, Mariano e um cangaceiro conhecido por Mergulhão.

Perseguidos pela polícia, atravessaram o Rio São Francisco para o lado baiano, de um ponto em Pernambuco, logo ao norte da fronteira de Alagoas, no dia 21 de agosto de 1928. Outros motivos que ajudaram Lampião a tomar essa decisão: os pedidos dos Chefes Políticos e dos Fazendeiros baianos.

4.13 - Participação de Corisco - O "Diabo Loiro"

A 7 de janeiro de 1929, Lampião teve um grande encontro com a polícia baiana, na vila de Abóboras, numa região isolada, bem a norte da cidade de Bonfim. Neste encontro, Lampião perdeu o seu primeiro cangaceiro na região da Bahia, chamado Mergulhão e foi neste combate que os policiais contaram que a resistência ao ataque foi comandada por um cangaceiro louro, que demonstrou muita coragem sob o tiroteio. Este jovem, era Christiano Gomes da Silva, que ficou conhecido como "Corisco", ou "Diabo Loiro". Entre todos os sequazes de Lampião, Corisco se destacou por sua coragem e crueldade.

Corisco alegava que uns anos atrás fora destruído pelo delegado Herculano Borges, na vila de Santa Rosa, região do Bonfim, na Bahia.

Dizem que o incidente ocorreu de uma tentativa das autoridades do lugarejo em forçar Corisco a pagar um imposto por uma carne que ele estava vendendo no mercado. Quando recusou, alegando que estavam tentando cobrar um imposto que ele já pagara, foi preso.

Quando o soltaram, comprou um rifle e jurou se vingar de seu desafeto. Logo depois, e, suportadamente por esta razão, tornou-se um cangaceiro e se juntou ao bando de Lampião. Mais tarde, quando o bando invadiu Santa Rosa e saqueou seu armazém, Borges se mudou para Bonfim, e só raramente voltava à vila, para tratar de algum negócio.

No dia 22 de setembro de 1931, estava voltando de Santa Rosa, onde fora à feira, quando foi capturado por Corisco e nove de seus partidários. No dia seguinte, Corisco o pendurou pelos pés numa vara, entre duas árvores - como se faz com animais quando vão ser mortos - e tirou-lhe a pele, enquanto estava ainda vivo. Depois, cortou-lhe fora as mãos, os pés e as orelhas, e os esquartejou. Enfiou as várias partes do corpo em estacas, numa demonstração pública da força de sua vingança, e ameaçou matar quem o enterrasse.

4.14 - Primeiro contato com Maria Bonita

No início de 1931, Lampião, como Chefe, aparentemente, o primeiro a arranjar uma companheira. Maria Bonita, nome com o qual passou à história, chamava-se na verdade, Maria Déia. Era chamada de "Dona Maria" pelo bando.

Quando Lampião a conheceu, era Dona Maria Neném, mulher de José Neném. Criada na fazenda de seu pai, na região de Jeremoabo, na Bahia. Foi viver, depois do casamento, na pequena cidade de Santa Brigida, onde seu marido era saiateiro. Maria e o

marido não se davem bem, razão pela qual ela visitava freqüentemente os seus pais, na fazenda.

A fazenda ficava na fronteira entre Bahia e Sergipe, por onde Lampião passava muitas vezes, e assim, conheceu seus pais. Estes, como a maior parte dos sertanejos, temiam o célebre cangaceiro, ao mesmo tempo, sentiam por ele uma mistura de respeito e admiração, e o consideravam um grande homem.

Foi a mãe de Maria, conforme disse um dos cangaceiros do bando, quem contou a Lampião que sua filha tinha uma grande admiração por ele. Um dia, Maria veio a fazenda quando Lampião estava lá, e o cangaceiro sentiu por ela amor à primeira vista. Alguns dias depois, quando o bando foi embora, Lampião a levou também, com o consentimento e as bênçãos da mãe. Lampião tinha na época 33 anos e Maria Bonita tinha 20 anos.

4.15 - Morte de Lampião

A polícia de Alagoas, comandadas pelo Tenente João Bezerra, acompanhado também pelo Aspirante a Oficial Francisco Ferreira de Melo, juntando-se com o Sargento Aniceto, formando um total de 45 soldados, saíram de Pedras para Piranhas, anunciando, no entanto, que estavam indo para Água Branca, onde Lampião fora visto. Antes de partir, Bezerra conseguiu pedir emprestado uma metralhadora que pertencia a um destacamento baiano que estava na região, mas não disse a que fim ela se destinava.

Na quarta-feira, do dia 27 de julho de 1938, as tropas voltaram para Paraíba, entrando às escondidas na cidade. Mais ou menos às 08 horas, embarcaram em três lanchas para a viagem rio abaixo. Não tinham ainda muita certeza onde iriam desembarcar, pois não sabiam onde os cangaceiros estavam acampados.

Esperavam obter esta informação de Pedro de Cândido, em Entre Montes, coiteiro de confiança de Lampião. Submetido a interrogatório e também obrigado a sei irmão, foram pressionados a dizer o local do esconderijo de Lampião.

Forçados, Pedro e seu irmão, leveram as tropas para a sede da fazenda Angicos, onde já se passava de meia noite. Ao chegarem à vizinhança do acampamento, os soldados se dividiram em quatro grupos. Protegidos pela densa vegetação e pela noite, sorrateiramente, começaram a cercar o acampamento.

Não encontraram sentinelas nem os cachorros de Lampião latiram, talvez porque estivessem nos barracos procurando se abrigar da chuva. A polícia estava tendo muita sorte.

Na madrugada da quinta-feira, do dia 28 de julho de 1938, os cangaceiros se acharam sob o fogo fulminante de inúmeros rifles e de três metralhadoras. Lampião, sob a mira do rifle de um soldado, caiu mortalmente ferido.

Os cangaceiros procuraram revidar o ataque, ao mesmo tempo em que tentavam abrir uma saída pelas colinas. Entre eles estava Luis Pedro o homem que substituiu o finado Antônio Ferreira (irmão de Lampião), como homem de confiança de Lampião.

Luis Pedro tentou fugir, então Maria Bonita o chamou e lembrou-lhe que tinha jurado morrer ao lado do seu chefe. Luís, voltou, e segundo a polícia, lutou ferozmente até que caiu vítima de um tiro.

Corisco fugiu, ao ouvir o tiroteio, sem ligar aos compenheiros. O ataque durou uns 20 minutos. Uns quarenta cangaceiros, ou talvez mais, conseguiram escapar, mas onze morreram, inclusive Lampião e Maria Bonita. Entre eles foram: Luís Pedro, caixa de Fósforo, Quinta-feira, Diferente, Elétrico, Cajaron, Enedina, Desconhecido e Mergulhão.

O corpo de Maria Bonita foi deixado numa posição grotesca, com as pernas abertas e um pau infiado em sua vagina. Os corpos dos cangaceiros foram decapitados. Procurando mais tarde justificar estes atos, Bezerra disse que teria sido muito trabalhoso carregar todos os corpos, e era preciso uma prova de que Lampião e seus companheiros estavam realmente mortos. Tendo terminado seu trabalho, as tropas voltaram para Piranhas com seus troféus macabros.

As cabeças de Lampião, Maria Bonita e de seus companheiros, foram enviado ao Instituto Mina Rodrigues (depois Estácio de Lima), em Salvador. Serviram de atração principal do Museu e somente 31 anos depois, a 6 de fevereiro de 1969, foram sepultados.

Depois da morte de Lampião, Pedro Rodrigues Rosa (conhecido por Pedro de Cândido), ficou fazendo parte da polícia estadual, para sua própria proteção.

No dia 22 de agosto de 1941, em Piranhas, o ex-coiteiro foi morto, por um rapaz que jurou ter pensado que estava matando o bicho que os moradores do local diziam estar rondando a vizinhança. Vendo um vulto escuro se aproximar, fincou-lhe a faca e depois, gritou por socorro e correu para a casa de um conhecido. Ao seu amigo, contou a história de seu encontro com o bicho.

Seus amigos, indo ao local com ele, encontraram Pedro morto na rua. Por mais estranha que esta história seja para as pessoas de fora, foi aceita pela maior parte dos moradores de Piranhas, em Alagoas.

4.16 - Entrevista de Antônio Silvino - Depois da Morte de Lampião

Em junho de 1938, morre Lampião, em Sergipe. O correspondente d'A Noite, ouviu Antônio Silvino:

- "Não me causou admiração , porque a vida é incerta, mas a morte é certa. Não me interessam mais esses assuntos de cangaço, pois sou homem regenerado. Só quero, agora, descanso na minha velhice".

- "Estará resolvido o problema do Banditismo"? Insiste o repórter.

Isso não acaba assim. O rifle não conserta nada. Teremos outros "Lampião". É de justiça que o sertão precisa.

¹ Raul Fernandes, Antônio Silvino no Rio Grande do Norte, Recife [s,n], 1987. (rev. letras e artes, nº 8) p.164

4.17 - O Fim do Cangaço

Dois anos após da morte de Lampião, ainda pensavam que algum outro cangaceiro, talvez Corisco, assumiria o papel de Chefe, e o cangaço continuaria a ser uma ameaça tão forte como antes. Mas isto não aconteceu. Ao contrário, o cangaço rapidamente se enfraqueceu e se fragmentou. Um cangaceiro de 26 anos que se entregou, declarou que Corisco era um fracasso, que passava a maior parte do tempo bêbado, e os cangaceiros brigavam entre si e muitos estavam prontos para deixar o cangaço.

No início de 1940, Corisco ficou seriamente ferido numa luta e perdeu seu braço direito. Depois disto, começou a pensar em se entregar e achando que seria morte, fugiu com Dadá, sua mulher, uma menina de 11 anos e um outro casal de cangaceiros em direção ao oeste da Bahia, procurar refúgio num lugar bem distante.

A polícia logo que teve notícia da partida de Corisco, mandou a volante de José Rufino, ao seu alcance, encontrando-os no município de Brota de Mocúbas, no sertão, não muito longe do rio São Francisco.

Durante o combate, Corisco foi ferido e morte, enquanto a sua mulher, Dadá foi presa. Com a morte de Corisco o cangaço ficou liquidado, no Governo do Presidente Getúlio Vargas.

V - CAPÍTULO

Conclusões

Analisando os cangaceiros de importância, na História do cangaço no Nordeste brasileiro, constatamos, que todos foram vítimas das injustiças sociais, econômicas e políticas, de um sertão sem lei.

Alguns eram filhos de fazendeiros letrados e muitos trabalhavam nas pequenas propriedades dos seus pais ou trabalhavam por conta própria para conseguir os seus sustentos. Mas a grande maioria, muitas vezes sem trabalho e sem terra, fazia número nos bandos, participavam nas quadrilhas em busca de dinheiro fácil e adoravam dizer que somente tinham sido fora-da-lei, devido à necessidade de vingar afrontas feitas a eles ou a sua família.

Estudando caso a caso, constatamos, que os motivos foram muitos: vinganças, perseguições políticas, conflitos entre famílias, abusos do poder, falta de justiça, miséria, e tantos outros, que já mencionamos no início deste trabalho.

Todo esse movimento que começou no final do século XIX e estendeu-se, quase até à metade do século XX, poderia ter sido evitado, se o Governo Federal tivesse dado mais assistência aos camponeses dos sertões nordestino.

Nessa mesma época, o Governo Federal, incentivou a imigração de mão-de-obra estrangeiras para o Brasil, mais precisamente para as regiões do Sul e Sudeste do país. Quanto aos homens do campo do Nordeste, foram esquecidos e menosprezados, num sistema de miséria e semi-escravidão.

Estudando os três cangaceiros que investiram no Rio Grande do Norte, constatamos que todos eles se enquadraram nos casos mencionados ao longo desta pesquisa.

Jesuino Brilhante, natural de Patu, no Rio Grande do Norte, em fins do século XIX, foi o primeiro deles. Depois de ter praticado uma morte de um membro de uma família da Paraíba, tornou-se um bandoleiro, justamente quando prenderam o seu pai e irmão. Formou o seu próprio grupo, tornando-se um cangaceiro que roubava do Governo e entregavam o produto dos furtos aos mais pobres e humildes do Rio Grande do Norte.

Raimundo Nonato conta que Jesuíno Brilhante, protegeu os pobres, os fracos e injustiçados sendo irredutível em questão de honra. No Rio Grande do Norte, sua participação foi pacífica, visitando várias cidades, sendo adorado pelos mais humildes.¹

Capitão Antônio Silvino tornou-se o primeiro cangaceiro de importância, que veio de outro Estado (Pernambuco) para o Rio Grande do Norte. Depois do assassinato do seu pai, tentou vingar os seus matadores. Fugindo das polícias de Pernambuco e da Paraíba e sem ter muito campo de ação no Ceará, procuravam o Rio Grande do Norte, para se esconder e descansar. Por várias vezes veio em paz, pensando em um dia morar em nosso Estado, principalmente no povoado de Jucurutu.

Como rezam as histórias das suas façanhas, foi um bandido, na expressão certa do termo, um homem do cangaço, rebelde contra os seus inimigos e protegidos pelos graúdos da época.

No Rio Grande do Norte, nas suas investidas no começo do século XX, foi considerado um cangaceiro cavalheiro, protegia os fracos, as mulheres e todas as vítimas das misérias daquele tempo.

Virgulino Ferreira da Silva, vulgo "Lampião" foi o terceiro cangaceiro que investiu em nosso Estado; o segundo bandoleiro que veio de Pernambuco para o Rio Grande do Norte. Tornou-se um fora-da-lei, em consequência de um conflito com uma família vizinha do seu pai, José Ferreira com as famílias dos Saturninos e os Nogueiras. Depois da morte de sua mãe e do seu pai, mortos pelos policiais de Alagoas, jurou vingar os assassinos, tornando-se o mais sanguinário dos cangaceiros da história do Sertão. Lampião negou a tradição dos velhos cangaceiros e implantou o terror.

Atacou no Rio Grande do Norte, a segunda cidade do Estado, em 1927 em busca do dinheiro fácil, da independência econômica. Incentivado por Massilan, um cangaceiro de sua confiança, norte-riograndense de Luís Gomes ou por um plano elaborado por um chefe político do Ceará, no intuito de também receber uma grande soma em dinheiro tendo sido, portanto, as duas mais prováveis versões dessa investida, brusca de sua vida.

O importante é que os três dias da marcha no Estado, quando deslocou-se para Mossoró com os seus cangaceiros, implantaram o terror. Assaltou e saqueou propriedades, fazendas e povoados. Sequestrou e matou pessoas, chegando o seu bando a atacar até cidade, enfim, fez tudo o que os cangaceiros da época diferentes não fizeram.

Os mossoroenses, incentivados pelo seu Prefeito, juntos com alguns soldados da força pública fizeram a resistência, e Lampião conheceu a sua maior e audaciosa tentativa fracassada, de dominar a segunda cidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Portanto, concluímos que o movimento do cangaço em nosso Estado, aberto e sem proteção, tanto do Governo Federal e do Governo Estadual, não recebia verbas, em época em que o Estado estava passando por dificuldades econômicas, sociais e políticas, não conseguiram freiar essas investidas, principalmente as de 1927, que tanto contribuíram para trazer mais misérias para o homem do campo.

Estes movimentos, de cangaço, representou exatamente, todo um sentimento de revolta contra estas injustiças. Poucos possuíam muitas terras e poder, exploravam o trabalho de muitos que não a possuíam.

Hoje, em plena era espacial, tecnológica e da informática, chegamos a dura conclusão de que o "Sertão" progrediu, isto não tem nenhuma dúvida, mas muitos continuam na mesma miséria. A verdade é que o Coronel de ontem, ainda é o mesmo de hoje. Os chefes políticos só os procuram em épocas de eleições, sempre trazendo esperança para esta gente, para conseguirem os seus votos, mas depois, as deixam sem nenhuma perspectiva de vida melhor.

¹ Raimundo Nonato, Lampião em Mossoró, 2 de. Rio de Janeiro, Pangetti. 1956. p. 119-120.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

CHANDLER, Billy Joynes. Lampião o rei dos cangaceiros, tradução de Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Paz e Tera, 1980.

CUNHA, Euclides da . Os sertões. 25. ed. [vol.: s.n], 1957.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1954.

— . História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: MEC, [s.d.].

FERNANDES, Raul. Antônio Silvino no Rio Grande do Norte. Recife: [s.n.], 1987. (Rev. Letras e Artes, nº 8).

— . A marcha de Lampião: assalto a Mossoró. 3 ed. Natal: UFRN, ed. Universitária, 1985.

FACÓ, Rui. Cangaceiros e fanáticos. 7 ed. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1983. v. 15.

MONTEIRO, Hamilton de Maltos. Crise agrária e luta de classes: O Nordeste brasileiro entre 1850 e 1889. Brasília: Horizonte, 1980.

MACIEL, Frederico Bezerra. Lampião seu tempo e seu reinado. 2 ed. Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 1985.

MARIZ, Marlene da Silva. A revolução de 190 no Rio Grande do Norte. Brasília: Senado Federal, 1984.

NONATO, Raimundo. Lampião em Mossoró. 2 ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956.

QUEIROZ, M.I.P. de. História do cangaço global. 2 ed. História Popular, 11 S.P. 1986.

PERIÓDICOS:

CHARGES, Millôr; MORRISON, Nietzsche; ALQUIMIA; WELLES, Arsan; DRUMMOND; CORDEIRO, Edson. O banditismo no sertão e seu rei. Lúdico, Natal, 12 jan. 1993, p. 8-9.

COSTA, Gutemberg. O "rifle de ouro" do cangaço nordestino. Jornal de Natal, Natal, 05 dez. 1994. p.12.

FREIRE, Juliano. Professora da UFRN. e alunos resgatam o papel feminino do cangaço em vídeo. O Poti, Natal, 29 jan. 1995, p.15.

GASTÃO, Paulo. Ex-cangaceira visita Mossoró e recolhe dados para livro. Diário de Natal, Natal, 15 set. 1994, p.17.

LIMA, Luiz Paulo. O filho que Lampião mal conheceu. Jornal do Brasil, São Paulo, 16 abr. 1994, p. 6.

XAVIER, Ivanaldo. Jararaca vai às telas do cinema. O Poti, Natal, 19 mar. 1994, p.4.